

A OLEIRA E A TECELÃ: O PAPEL SOCIAL DA MULHER NA SOCIEDADE ASURINI

BERTA G. RIBEIRO

(Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

NOTA INTRODUTÓRIA

Os Asuriní são um grupo tupi que conta dez anos de contato direto com agentes da sociedade nacional, representados pelos funcionários do órgão oficial de tutela. Em 1971 eram 78 índios divididos em duas aldeias. Atualmente estão reduzidos a 54, vivendo à beira do igarapé Ipiaçava, margem direita do médio Xingu, a 4 horas de barco a motor abaixo da localização anterior, onde foram contactados.

Nas páginas que se seguem, apresento o relatório do trabalho de campo que realizei junto a esse grupo indígena em março/abril de 1981, que faz parte do estudo "Artes têxteis indígenas". A mesma tecnologia foi o foco principal da pesquisa que levei a cabo junto a outro grupo tupi, vizinho dos Asuriní — os Araweté — durante os meses de maio/junho. Em ambos os casos, tratei de focalizar essa técnica, de domínio feminino da cultura, dentro do quadro mais amplo de sua economia e organização social do trabalho.

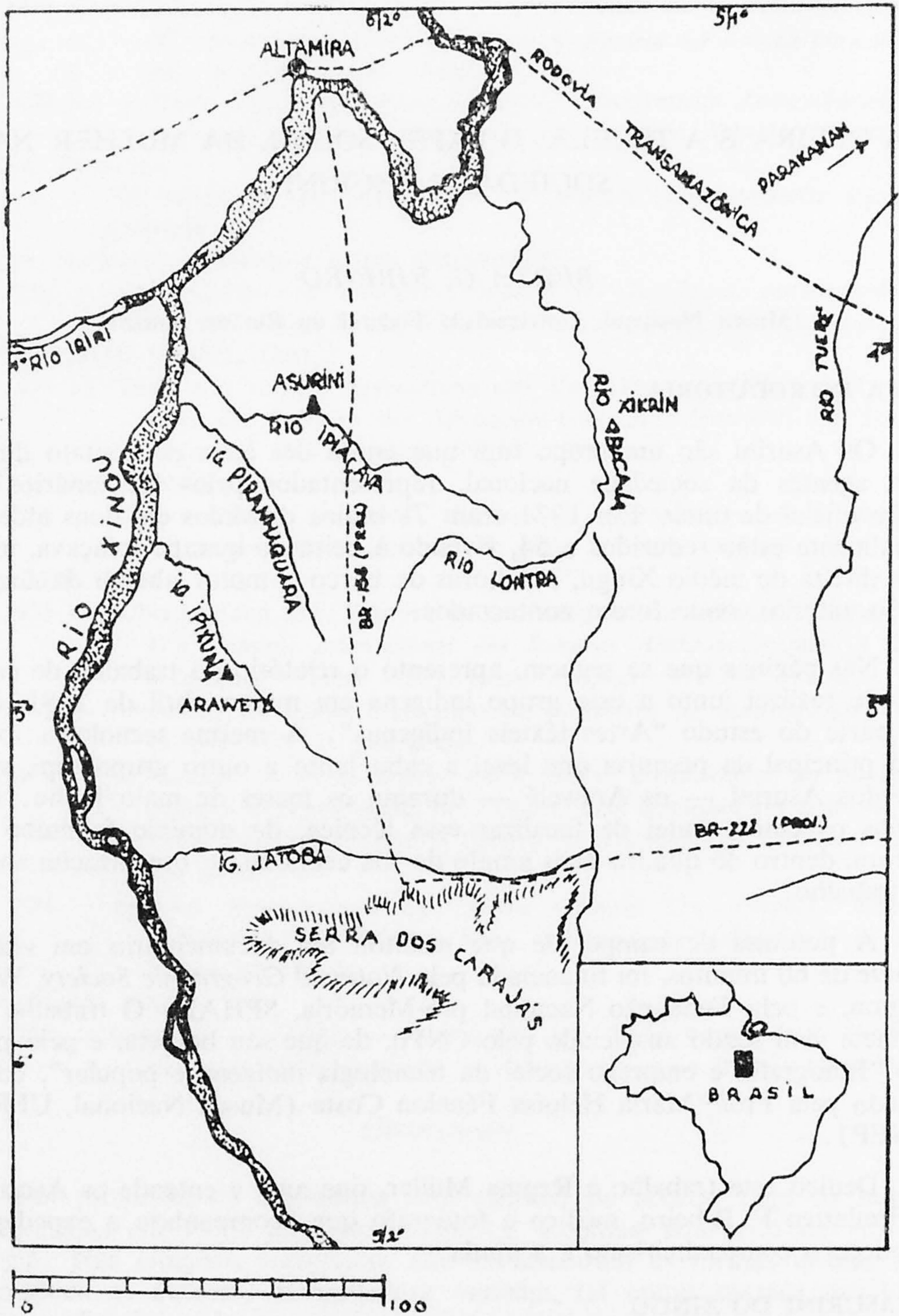
A pesquisa de campo, de que resultou um documentário em *videocassete* de 60 minutos, foi financiada pelo *National Geographic Society*, Washington, e pela Fundação Nacional pró-Memória, SPHAN. O trabalho de gabinete vem sendo auspiciado pelo CNPq, de que sou bolsista, e pelo projeto "Etnografia e emprego social da tecnologia indígena e popular", coordenado pela Prof^a Maria Heloísa Fénelon Costa (Museu Nacional, UFRJ/FINEP).

Dedico este trabalho à Regina Müller, que ama e entende os Asuriní. À Frederico F. Ribeiro, médico e fotógrafo que acompanhou a expedição, agradeço o companheirismo e a ajuda.

OS ASURINI DO XINGU

O levantamento dos locais de nascimento dos atuais Asuriní, confirma a crônica de que a ocupação mais antiga seria no rio Bacajá, afluente da

SUL DO PARÁ



Localização das aldeias Asurini (Ig. Ipiçava) e Araweté (Ig. Ipixuna) bem como das tribos vizinhas: Xikrin e Parakanã. Redesenhado de Arnaud, 1978.

margem direita do rio Xingu. Daí, ter-se-iam deslocado, por pressão dos Kayapó-Xikrin, primeiro ao Ipiaçava, depois ao Piranhaquara e deste, ao Ipixuna, sempre perseguidos por aqueles índios. Devem ter tido escaramuças também com escassos moradores brancos do beiradão do Xingu. No igarapé Ipixuna teriam vivido algum tempo (10 a 15 anos, segundo um informante, Takamuin). Foram expulsos desse rio por um ataque fulminante dos Araweté, apossados, por sua vez, pelos Xikrin e Parakanã (1). A fuga foi tão rápida que os Asurini deixaram lá o produto de suas roças e os haveres mais preciosos, não podendo levar nem mesmo sementes e mudas de plantas tradicionalmente cultivadas.

Local de nascimento dos atuais Asurini do Xingu

Bacajá	Ipiaçava (acima da "cachoeira") (2)	Piranhaquara	Ipixuna	Ipiaçava (P.I. Koatinemo)
20	1	17	9	7

A ordem decrescente dos locais de nascimento acompanha a idade dos Asurini. Assim, os mais jovens nasceram no Posto Indígena Koatinemo, fundado há cerca de 10 anos no médio Ipiaçava; os de idade intermediária, no Piranhaquara (primeira e segunda passagem por esse igarapé) (3) e no Ipixuna. No igarapé Ipiaçava, acima da cachoeira, antes da migração ao Ipixuna, registrou-se apenas um nascimento (4).

Além dos locais de nascimento, obtive do índio Takamuin, os locais e causas-mortes da primeira geração ascendente em linha direta e alguns parentes colaterais dos atuais Asurini, exceto dos indivíduos com idade estimada acima dos 45 anos. A amostra compreende 70 indivíduos representando pais, cônjuges, irmãos e filhos falecidos da atual população Asurini.

Causae-mortis e local de falecimento de parentes dos atuais Asurini

Mortos por:

Kayapó-Xikrin	Araweté	Branços	Doença	Parto	Morte natural
9	11	2	42	2	4

Local de falecimento:

Bacajá	Piranhaquara	Ipixuna	Ipiaçava (1ª ocupação)	Xingu	Ipiaçava ("cachoeira")
1	9	17	8	2	22
Ipiaçava (P. I. Koatinemo)	Belém	Altamira			
7	3	1			

O quadro acima mostra que, de um total de 70 mortos, a cujo respeito obtivemos informações, 42, ou seja, 60% foram vitimados por doenças (malária, gripe, febre — explicitadas dessa forma pelo informante) transmitidas pelos brancos. De morte natural faleceram apenas 4 índios, correspondendo a 0,5% do total. Os óbitos motivados por parto, que as mulheres Asuriní tanto temem, representam uma média muito baixa nesse cômputo: dois apenas. Vinte índios (quase 30%) foram vitimados por conflitos com grupos vizinhos, tangidos para o território asuriní por pressão da sociedade nacional.

O local dos falecimentos é um indicador significativo com respeito à época e causa dos mesmos. Os óbitos por morte natural ocorreram no ig. Ipixuna (em número de 3) e no Ipiaçava durante a primeira ocupação (um). Os falecimentos registrados no Xingu (“beiradão”) devem-se a homicídios praticados por moradores brancos, aterrorizados com o roubo de suas roças ou ferramentas por parte dos Asuriní. Segundo nosso informante, os mortos eram castrados, decapitados e cortados seus pés e mãos, deixando-se os cadáveres como pasto dos abutres. Seus inimigos Araweté e Kayapó não incorriam nessas crueldades. Os falecimentos ocorridos no Bacajá, Ipiaçava e Piranhaquara foram provocados, alguns deles, pelos Kayapó. Os atribuídos aos Araweté ocorreram, um, no Piranhaquara, e dez, no Ipixuna. Os óbitos registrados na “cachoeira” (local do primeiro contato com os padres, onde fora construído o antigo posto da FUNAI), datam dos últimos dez anos. Somados aos óbitos ocorridos no P.I. Koa-tinemo, em Altamira e Belém, elevam-se a 33, representando quase 50% do total de falecimentos examinados. Todos eles são devidos a doenças transmitidas pelo branco.

Os dados levantados mostram que a população Asuriní deve ter montado a cerca de 150 índios há meio século, isto é, por volta de 1930. Chega-se a essa cifra, somando aos 54 índios atualmente existentes, os 70 falecidos de que se tem notícia e adicionando-se a esse número os pais e outros parentes de índios com idade estimada acima de 45 anos, cuja causa-morte e local de falecimento nosso informante desconhece (5).

A prática do aborto (6), provavelmente intensificada nos últimos dez anos pós-contato, devido aos grandes vazios demográficos que desestruturaram a sociedade asuriní, parece ter sido corrente entre as gerações mais velhas. Isso se infere pelo fato de que, das 7 mulheres com mais de 50 anos de idade, apenas uma (7) procriou. Ela é a única de sua geração a ter dois filhos vivos. Além de Pemerí, outra mulher, Mirabô, contando entre 30/35 anos, tem atualmente dois filhos. Do total de 26 mulheres, em idade fértil ou não, apenas 10 procriaram, 8 delas, um filho somente,

as duas restantes, dois. Do total de 16 mulheres em idade de procriar (entre 15 a 40 anos), todas casadas, com exceção de uma, apenas 6 o fizeram, tendo cinco delas um filho e a sexta, dois.

Dos homens vivos, da faixa etária entre os 40-50 anos, um apenas (Murabô) é pai (ou co-pai) (8) de três filhos de três mulheres diferentes, duas delas falecidas (9). Na geração dos homens de mais de 45 anos, num total de cinco, nenhum teve filhos, vivos ou mortos (10). Dentre as mulheres dessa geração — acima dos 40 anos — num total de seis, nenhuma procriou (11). As únicas exceções são uma mulher que teve 5 filhas (12) e Pamerí, já referida, mãe de dois filhos.

Nosso informante citou casos de mulheres que tiveram acima de cinco abortos, feitos sempre por homens, por meios mecânicos, e que, por essa razão — segundo ele — ficaram estéreis, embora ainda menstruem. Hoje algumas delas desejam ter filhos (13), sem que consigam conceber. O aborto é provocado pelo parceiro extra-conjugal, quando se trata de “adulterio”, pelo marido ciumento, pelo pajé, quando solicitado. As concepções são atribuídas a homens jovens que, por inexperiência, engravidam suas parceiras sexuais. (14) Como a maioria dos velhos se assenhora, ou prentede fazê-lo, de mulheres jovens, um e outro parceiro evita a procriação. O parceiro masculino idoso, porque isso representaria um encargo econômico maior e porque a jovem, de certa forma, desempenha o papel de mulher e filha. A isso se soma a condição de pajé da maioria dos homens maduros e velhos e a exigência da participação da juventude feminina, sem filhos, nos rituais xamanísticos. Quanto às jovens, evitam assumir os encargos da maternidade porque são induzidas a encará-la, pelas mulheres mais maduras, como uma provação que pode colocar em risco sua própria vida. E certamente, também, para conservar a boa forma física e a liberdade sexual. Uma informante jovem responsabilizou seu esposo idoso pela falta de prole. Essa moça e outras de sua faixa etária (15-20 anos) já fizeram mais de dois abortos, num caso por se tratar de moça “solteira”. Contudo, a causa maior dos abortamentos, que pode levar os Asuriní a um verdadeiro suicídio étnico, deve ser atribuída aos claros abertos em sua estrutura demográfica. Isso advém da dramática história vivida por esse grupo nos últimos 20 a 25 anos, quando tiveram de migrar, sucessivamente, de um rio a outro. E, principalmente, nos últimos 10 anos, após serem contactados pelos Padres Anton e Karl Lukesh e pela FUNAI, quando aumentou a incidência de agentes mórbidos antes desconhecidos.

OS VAZIOS DEMOGRÁFICOS

A população Asuriní, recenseada em abril de 1981, localizada no Posto Indígena Koatinemo, distribui-se pelas seguintes classes etárias:

	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
0—4	—	4
5—9	1	3
10—14	—	1
15—19	1	3
20—24	2	1
25—29	3	4
30—34	3	5
35—39	4	3
40—44	1	4
45—50	3	4
50—54	—	—
55—60	2	2
	—	—
total	20	34

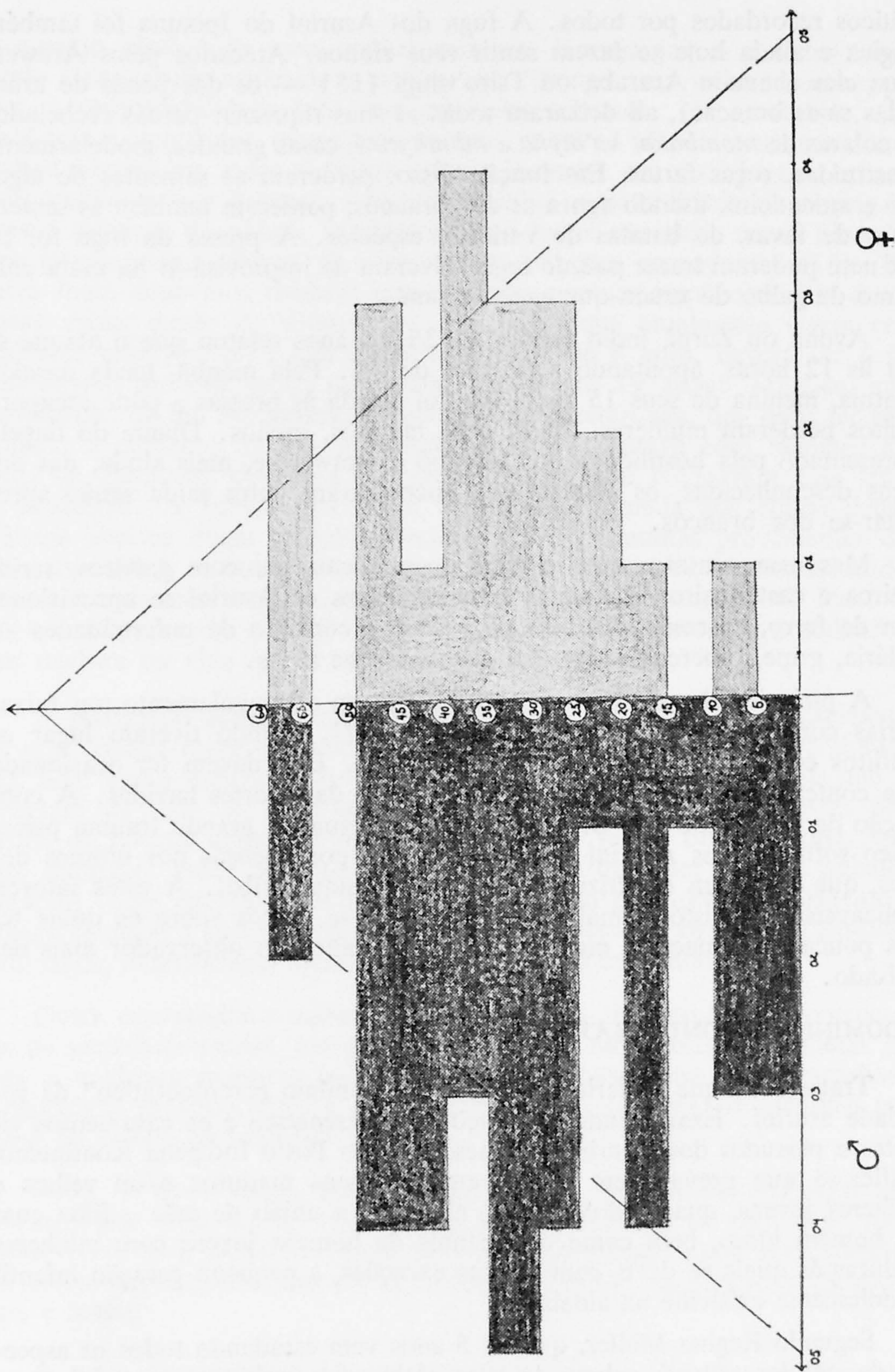
A pirâmide demográfica asuriní está, como se vê, completamente truncada. Além do desequilíbrio entre homens e mulheres, estas em maior número, inclusive na faixa de 0 a 9 anos (sete do sexo feminino para um do masculino), apresenta também um desequilíbrio nas faixas etárias. Tudo isso deve contribuir, ao lado dos fatores ligados a vínculos de parentesco, para dificultar os acasalamientos férteis.

O decréscimo da população asuriní foi registrado por Regina Müller nos seus relatórios à FUNAI. Os números são muito expressivos:

1971	— 76	índios
1975	— 58	”
1976	— 60	”
1977	— 56	”
1981	— 54	”

O índice de mortalidade, segundo Müller, foi de 20% entre 1971 e 1977. O de natalidade, 0,05% no período. Nossos dados indicam, se se admite uma população de 150 índios na década de 1930, uma redução a cerca da metade dessa população no início da década de 1970, época do contato, e de dois terços nos últimos 50 anos.

A sociedade asuriní que vimos em março/abril de 1981, dez anos após o contato, não representa, certamente, o que ela deve ter sido quando autônoma. É uma comunidade desestruturada, enferma, desolada, possuída de forte sentimento de derrota. A memória dos Asuriní mais velhos registra, como vimos, seu deslocamento do Bacajá ao Ipiaçava, ao Piranhaquara, ao Ipixuna e sua volta ao Ipiaçava por força da pressão sobre eles exercidos por tribos mais numerosas e mais aguerridas. Três irmãs, cuja idade varia entre 35/40 anos, foram prisioneiras dos Kayapó: Bepeví, Tapi'ira e PatuaP. Encontraram o caminho de volta à sua tribo, tendo passado por lances dra-



Piramide Demográfica: índios Asurini (Abril/1981).

máticos recordados por todos. A fuga dos Asuriní do Ipixuna foi também trágica e ainda hoje se fazem sentir seus efeitos. Atacados pelos Araweté (que eles chamam Araraba ou Tsiro'tsingí (15) — os das penas de arara e das saias brancas), ali deixaram todas as suas riquezas: patuás recheiados de colares de *mombaka*, *ka'iñyña* e *mbuikyirirá*, casas grandes, modelarmente construídas, roças fartas. Em função disso, perderam as sementes de algodão e amendoim, usando agora as dos brancos; perderam também as sementeiras de favas, de batatas de variadas espécies. A pressa da fuga foi tal que nem puderam trazer pau de fogo. Tiveram de improvisá-lo na mata com colmo de galho de urucu que encontraram.

Avona ou Zuruí, índio asuriní de 35/40 anos relatou que o ataque se deu às 12 horas, apontando a posição do sol. Pela manhã, havia nascido Bbatuia, menina de seus 15 anos, que foi levada às pressas e pôde escapar. Muitos perderam mulheres, filhos, pais, maridos, irmãos. Diante do flagelo representado pela hostilidade dos Kayapó e Araweté e, mais ainda, das doenças desconhecidas, os Asuriní não encontraram outra saída senão aproximar-se dos brancos.

Mas esse contato, que se fazia esporadicamente com gateiros, seringueiros e castanheiros, em cujos acampamentos os Asuriní se aprovisionavam de ferro, representou outra provação: o contágio de enfermidades — malária, gripe, tuberculose — que ceifou muitas vidas.

A pirâmide demográfica asuriní mostra um estrangulamento nas faixas etárias correspondentes aos anos 1966 a 1971, quando tiveram lugar os conflitos com os Araweté, isto é, há 15 anos. Eles devem ter ocasionado uma contenção extrema da natalidade, além das mortes havidas. A contenção da natalidade que persiste revela, por igual, o grande trauma psicológico sofrido pelos Asuriní devido às mortes por doenças nos últimos dez anos, que deixaram cicatrizes indeléveis na psique tribal. A estes fatores, explicáveis pela história mais recente, somam-se outros sobre os quais temos poucas informações, mas que saltam ao olhos do observador mais desavisado.

O DOMÍNIO GERONTOCRÁTICO

Trata-se do que poderia ser chamado “domínio gerontocrático” da sociedade asuriní. Examinando as relações de parentesco e os casamentos vigentes e passados dos Asuriní remanescentes do Posto Indígena Koatinemo, verifica-se que prevalecem uniões entre homens maduros e/ou velhos e mulheres jovens, quase adolescentes, não raro a união de mãe e filha com um homem idoso, bem como casamentos de homens jovens com mulheres maduras às quais se deve, com poucas exceções, a pequena geração infantil e adolescente existente na aldeia.

Segundo Regina Müller, que há 5 anos vem estudando todos os aspectos da cultura asuriní, sobretudo suas elaboradas práticas xamanísticas, o

casamento ideal é de uma mulher com um homem jovem e outro idoso, sendo a concepção atribuída a ambos. Ao cônjuge mais velho incumbe, porém, a responsabilidade pelo bem estar dos rebentos. Na atualidade, esse ideal não é cumpridor, certamente porque, como se vê pela estrutura demográfica asurini, em todas as faixas etárias, inclusive nas mais baixas, existem mais mulheres que homens. Inquirindo sobre a paternidade de alguns jovens e crianças da aldeia, verificamos que todos são tidos como filhos de pais jovens com mulheres de uma a duas gerações ascendentes (16). Por outro lado, soubemos também que as duas meninas impúberes (de 6 e 7 anos) estão, desde já “prometidas” a rapazes que atualmente vivem com mulheres mais velhas; e que o único menino, de 6 anos, deverá ser o futuro esposo de uma moça que conta atualmente 19 anos. Trata-se, aparentemente, de um mecanismo de compensação retardada, que deve ter funcionado a contento quando a sociedade asurini contava com razoável número de membros, divididos em grupos locais que realizavam essa troca de mulheres. A persistência desse mecanismo, somada aos claros demográficos abertos numa geração procriativa e aos traumas provenientes das lutas intertribais e do contato com o branco devem ser responsabilizados pela inusitada contenção demográfica da sociedade asurini. O ideal de que o homem exerça a função procriativa na sua fase juvenil e a mulher na fase madura da vida é, nas condições atuais, desastroso.

A contenção demográfica é ainda favorecida pelo fato de o nascimento de uma criança representar um aumento de carga para cada grupo doméstico, hoje muito reduzido. Até que caia o cordão umbilical, os pais não se levantam da rede. A água do banho lhes é trazida. Os familiares preparam os poucos alimentos que podem ingerir: jabutí branco, cotia, mutum, mingaus. Pai e mãe se abstêm de realizar qualquer tipo de trabalho artesanal (com exceção dos colares *mombaka* no caso dos homens) até a criança começar a andar. Até a adolescência, a criança é cercada de carinhos e cuidados, contribuindo muito pouco para a economia doméstica.

Outra consequência advinda, aparentemente, da estrutura gerontocrática da sociedade asurini, em que homens velhos monopolizam mulheres jovens e mulheres maduras procriam de pais adolescentes é a exacerbada sensualidade prevalescente, a desconfiança entre cônjuges, os conflitos por ciúme ou cobiça de mulheres jovens.

Estas, de certo modo, gozam de privilégios. Nas tarefas rotineiras são ajudadas por suas mães, co-cônjuges, que performam os trabalhos mais pesados. Na falta dessa co-esposa mais idosa, o marido ajuda solícitamente sua jovem mulher nos afazeres de provisão de produtos da roça, água e lenha.

A regra de residência é teoricamente matrilocal. Mas a mulher jovem casada, mesmo quando não mora na casa materna, é sempre ajudada e acom-

panhada pela mãe. Quando morre a mãe, o filho é entregue aos parentes desta, mesmo quando tenha pai vivo (caso de Takirí).

A ATIVIDADE XAMANÍSTICA

O elevado papel social da mulher jovem é expresso também por sua participação no ritual. O mais importante é o rito *mbaraká* ligado à atividade xamanística, que tem um peso enorme na vida social dos Asuriní. À semelhança de outros grupos tupi, a pajelança representa uma das características mais marcantes da orientação cultural das tribos dessa extração lingüístico-cultural. Entre os Asuriní de hoje, a pajelança é praticada por 50% da população adulta masculina (17), tendo como auxiliares no rito todos os homens jovens (18) e a totalidade das mulheres sem filhos (19).

Durante nossa estadia na aldeia, assistimos à iniciação de um novo pajé, Mboaíva. As cerimônias ligadas à sua cura da moléstia que assinalou sua predestinação a esse ofício, prolongaram-se por dois meses: março e abril. Foram performadas numa casa para a qual o futuro pajé foi trasladado, de estilo tradicional, e onde sua mulher, mais velha que ele, também pajé, e a filha desta, o acompanharam noite e dia. Aí se realizaram os ritos que, começando às vezes ao pôr do sol, prosseguiam noite a dentro até a manhã seguinte. A participação mais ativa era a dos pajés já formados que se revezavam, com seus auxiliares, a eles aparentados por laços de afinidade ou consangüíneos, mesmo porque eram vencidos pelo cansaço físico. Cada performance inclui dança, canto e resa. As jovens cantadoras, em número de duas ou três, envergam elaborada pintura corporal e fartos colares de miçanga, *mombaka* e *ka'iñyña*. A liturgia desses cerimoniais exige a participação dessas belas "sacerdotisas" nuligestas, o que também desencoraja a procriação. A participação da mulher madura e idosa é, bem menor. Por isso, arca com um fardo mais pesado, quando a pajelança é praticada com maior intensidade (20).

Com efeito, as mulheres e homens jovens que dela participam mais ativamente, noites seguidas, deixam de realizar as tarefas ligadas à subsistência, sendo praticamente mantidos pela comunidade como um todo. Durante o período de sua iniciação, o futuro pajé se abstém de caçar, pescar, ir à roça, tomar banho no rio. Só pode comer mingau de mandioca, que as mulheres jovens lhe preparam, mingau bochechado — *muruvavi* — servido também aos demais oficiantes. As pessoas não envolvidas no ritual caçam e pescam para ele e seus familiares, uma vez que só pode alimentar-se de mutum e certos peixes. É obrigatória a abstinência sexual.

Essa pajelança prolongada e exaustiva é ao mesmo tempo uma religião salvacionista, porque nela se baseia a proteção da tribo e a sua sobrevivência e uma atitude auto-destrutiva, nas condições atuais, porque inter-

fere na vida econômica e social dos índios, mobilizando-os por um tempo demasiado longo em uma atividade improdutiva. Exige um esforço sobre-humano dos pajés para entrar em transe, a ponto de perderem os sentidos. Numa comunidade minada pela tuberculose isso é fatal (21).

Para contrapor esses aspectos negativos, sobreleva o papel social dessa prática: de congraçamento, integração e reforço do *ethos* tribal. E ainda o aspecto de entretenimento da pajelança, que mobiliza a comunidade, lhe proporciona um sentimento de unidade, de unicidade e de proteção, vinda de dentro.

AS ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA E O EQUIPAMENTO

Do ponto de vista econômico, os Asuriní são principalmente agricultores, não só pela variedade dos cultivos, como pelo tamanho das roças e a elaboração da culinária baseada em plantas cultivadas. São também pescadores, mas com flechas pouco especializadas para esse fim. Pescadores de igarapés onde, no verão não têm pacu (*tapaká*) e outros peixes de escama — os mais apreciados, que migram para o Xingu —, e que se abstêm de consumir peixes de couro, como a pirarara e o surubim, a não ser em casos de grande penúria.

São também coletores. Alguns produtos de coleta têm enorme importância em sua alimentação: a castanha do Pará (*ñí*) que, ao lado da farinha de mandioca e de milho, representa o alimento mais constante e disponível nas quadras de carência. O inajá e o caranguejo, com os quais fazem um prato saboroso e nutritivo — *indaza'í*. O jabuti, da maior importância cotidiana, praticamente base de sua dieta proteica, é um produto de coleta, sem dúvida, pois é buscado na mata junto às árvores de cujos frutos se alimenta (22). No verão (agosto, setembro), consomem ovos de tracajá e a própria tartaruginha (*dzawatsiryna*), igualmente coletada e não “caçada”. O valor do jabuti é ressaltado pela quantidade de desenhos decorativos do corpo e dos artefatos em que ele é figurado (23). Os Asuriní não chegam ao requinte dos caboclos da região, seringueiros, castanheiros e gateiros (atividades consecutivas) que mantêm currais de jabuti para os tempos magros. Eles os penduram de cabeça para baixo nos toldos e assim os conservam dias e até semanas, até serem consumidos.

Pescadores sem canoas, uma vez que antigamente faziam uma espécie de jangada (*y'hára*) de troncos de bananeiras para atravessar os igarapés, ou estendiam pontes (*maimy*) de uma à outra margem, aprenderam a fazer canoas nesses últimos dez anos após o contato com a sociedade nacional. Fazem-nas do modelo regional, com proa, popa e tábuas para os passageiros, adornadas de seus desenhos de pintura corporal. O remo, de lâmina arredondada e muito fina, com cabo em muleta, é também aprendizagem recente. Sua habilidade em trabalhar a madeira (arcos, bancos, pilões) capacitaram-

nos a fazer esses implementos de navegação, à perfeição. Vivendo junto a igarapés praticam, na vazante, a pesca com timbó. Temem os grandes rios. Banham-se com cuias. Os mais velhos não sabem nadar. Preferem, para beber, a água clara das cacimbas (*yñy'y*) e dos pequenos igarapés (*igarape'í*).

Tampouco podem ser considerados caçadores. É pequena a variedade de flechas que possuem: ponta de osso de queixada (*tadzahú*), de madeira lisa e de taquara lanceolada. Além desse armamento pobre, auto-restringem o consumo da variedade disponível de caça a poucas espécies: dentre os roedores, apenas a cotia; dos mamíferos, principalmente a queixada (chamada porcão, regionalmente); dentre as aves, todos os galináceos (mutum, jacu, inhambu) e poucos mais. O macaco é caçado apenas para utilização dos dentes nos colares e para dar sua carne aos gaviões criados na aldeia. Isso mostra que a população asuriní foi provavelmente sempre pequena em relação ao território que tinha para explorar. Contudo, é de se salientar que a área é muito rica em queixada. Num só dia, próximo à aldeia, quatro índios caçaram 11 porções de uma vara de mais de cinquenta, com armas de fogo.

A relação das plantas cultivadas e o número de cultivares confirma a suposição de que se trata de um povo agricultor, por excelência, com ênfase mais no milho (*awatsí*) e na batata doce (*dyty*), que na mandioca. Da mandioca brava (*maniaka*) conhecem apenas 7 cultivares, enquanto que os índios do alto rio Negro conhecem 40. Em compensação, os Asuriní plantam macacheira e outra espécie adocicada de mandioca que, salvo engano, os regionais desconhecem. Trata-se da *maniokawa*, raiz grande, pesando 3 kgs., de cor amarela, muito aguada, que se pode comer crua. Os índios ralam-na com a casca, muito fina, e cozinham em forma de mingau, temperando-a com castanha do Pará.

O grande saber agrícola dos Asuriní parece estar no conhecimento da batata doce. Ditaram-me os nomes de 20 cultivares. Destes, conservam a metade, tendo perdido a outra metade quando forçados a deixar o Ipixuna. Parece que nessa ocasião tiveram a oportunidade de trazer sementes de milho, cultivando 9 variedades distinguidas por diferentes designações. Do cará mantêm apenas dois cultivares, tendo perdido seis outros no Ipixuna. A maioria dos cultivares de feijão também ficou no Ipixuna: dos 8 conhecidos, os Asuriní conservam um apenas. Agora plantam algodão cujas sementes lhes foram dadas por *akarái* (brancos, o pessoal do Posto). Do amendoim conhecem apenas uma espécie, cujas sementes foram trazidas pelo sertanista Antonio Cotrim Soares. Cultivam 11 espécies (cultivares?) de banana, tendo perdido duas no Ipixuna. O urucu, outro produto cultivado em suas roças, só existe de uma espécie no Ipiaçava, tendo ficado outras duas no Ipixuna (24). Além do amendoim, a única planta recebida dos civilizados foi a melancia que adquiriu nome em asuriní: *dzeruarana*. Com estes aprenderam também a consumir a bacaba e o açai.

PLANTAS CULTIVADAS NO IPIAÇAVA E ANTIGAMENTE
TAMBÉM NO IPIXUNA.

<i>Espécie</i>	<i>total conhecido</i>	<i>existente no Ipiaçava</i>	<i>perdido no Ipixuna</i>
Mandioca (<i>maniaka</i>)	7	4	3
Macacheira (<i>maniá tsingi</i>)	3	3	—
<i>Maniokawa</i>	2	2	—
Batata (<i>dyty</i>)	20	10	10
Amendoim (<i>munuvi</i>)	1	1	—
Banana (<i>pakaranu'hú</i>)	11	9	2
Urucu (<i>uruku</i>)	3	1	2
Milho (<i>awatsi</i>)	9	9	—
Feijão (<i>kumaná</i>)	8	1	7
Cará (<i>kará</i>)	8	2	6
Inhame (<i>karapy</i>)	4	4	—
	—	—	—
totais	76	46	30

Como se vê, os Asuriní atuais cultivam em suas roças 11 produtos. Destes, conhecem 76 cultivares, trinta dos quais ficaram no Ipixuna.

Poucas são as fruteiras utilizadas pelos índios desta região do médio Xingu se comparadas com as do alto rio Negro. Das palmeiras, consomem amplamente o fruto do inajá (*indaza*) de que fazem um prato muito apreciado, pilando a polpa junto com a carne do caranguejo (*u'ã*). O ingá (*inga'í*), jatobá (*dzotaika*), taperebá (*akaiá*), frutão (*ara'a*), golosa (*arai*) e o cacau (*kakaúba*) são comidos frescos. O açaí (*nidzoara*) lhes dá o fruto e o palmito. A bacaba (*pinovã*), amolecida em água quente, fornece uma bebida gordurosa de excelente sabor. A castanha do Pará (*ñi*) é usada como ingrediente de vários pratos da culinária asuriní (principalmente do chamado *mutawa*, que corresponde mais ou menos ao *mutap* dos Kayabí): carne cozida socada ao pilão à qual se adiciona, no caso dos Asuriní, castanha do Pará, também pilada e farinha (*u'í*) (25).

A elaboração da mandioca é muito complexa. Ralada em raiz de pa-xiuba (*patsi'iwa*) é espremida com as mãos para tirar o veneno e para que no fundo da panela assente o amido, a tapioca (*typiaka*). Depois a massa é posta a secar debaixo de um toldo, fora da casa, sobre folha de bananeira e cobertura da mesma folha. Assim permanece uma semana até secar bem. O tucupí é jogado fora. Seca a massa, é pilada e depois amassada em forma de bolos que são postos a defumar lentamente até adquirirem uma cor amarronzada. Esses bolos voltam a ser pilados, depois, peneirados, e só então é torrada a farinha. Temos assim a "farinha fina" (*u'í* ou *u'í eté*) das mais

deliciosas que se conhece. A farinha mais grossa (*manakupyaka.*, embolotada no tacho, mesmo depois de peneirada, é obtida da tapioca pura. Fazem também farinha d'água (*manaku'í*) e farinha de milho (*utsigaty*).

A produção de farinha, sempre em grande quantidade para durar meses, ocupa uma mulher durante cerca de 20 dias (26). Nessa e noutras tarefas domésticas, as mulheres Asuriní trabalham sozinhas, nos dias de hoje. São atribuídas geralmente às mulheres maduras e velhas.

No inverno, quando o milho está verde (março, abril, maio) é grande o consumo desse grão, assado com ou sem palha e, principalmente, transformado em mingau. Cronometrando a atividade diária de preparar o mingau de milho — refeição básica nessa época do ano da população Asuriní — temos o seguinte quadro:

Ida à roça	Volta da roça	Colheita e retirada da palha, na roça	Ralação: 20 Kgs. de milho	Pilagem e cozimento
1 hora	1 hora	2 horas	1 hora	2 horas

Ao todo, uma panela e 10 litros de mingau (*awatsi kyrí*) leva sete horas para ser preparada. A essa faina, as mulheres maduras e velhas se entregavam praticamente todos os dias nos meses de março e abril, em que permanecemos em sua aldeia.

O fato de o milho ser seu segundo produto agrícola em importância econômica e consumir grande área de terra para uma produtividade pobre, ou ao menos mais pobre que a mandioca, é um indício de que não só têm grande disponibilidade de terra agriculturável, como também a disposição de cultivá-la. De um modo geral, cada chefe de família, mesmo nuclear, faz uma roça nova por ano (27). Numa roça nova, o milho produzirá em três meses. A mandioca para a produção de farinha é colhida um ano e meio depois de plantada, dando tubérculos de 3 a 5 kgs. de peso. Ambos os produtos são plantados alternadamente a uma distância de 3 metros um do outro. Entre as colheitas de milho e mandioca, os Asuriní têm cará, batata-doce, feijão, além dos cultivos permanentes que vão buscar nas roças antigas (capoeiras — *kafera*): banana, mamão (*arakatsawa*), algodão (*aminizu*), urucu.

Como se vê, a subsistência dos Asuriní é baseada mormente na agricultura, que pode ser considerada intensiva, considerando-se a baixa tecnologia empregada e a reduzida mão-de-obra disponível. Com efeito, esta população de 54 pessoas, com uma força de trabalho de 46 indivíduos (19 homens e 27 mulheres), cultiva cerca de 38 hectares, ou seja, 2,8 hectares por homem-mulher/ano de área lavrada. Nessas condições, pode-se calcular que essa área produza toneladas de produtos cultivados comestíveis, além de algodão. Este é colhido em 8 meses. Plantado em janeiro, no iní-

cio do verão (julho/agosto) está maduro. A colheita termina em novembro, antes do início das chuvas.

Talvez por isso, a mulher tenha importante papel social na estrutura Asuriní, uma vez que, dentro da divisão de trabalho prescrita, o homem contribui, como sua tarefa agrícola específica, apenas na derrubada da mata. Na prática, colabora na broca, que precede a derrubada. Faz a queima e a coivara, ajuda no plantio e na colheita e, até mesmo, no transporte do produto, mas não na sua elaboração em alimento.

A DIVISÃO DE TRABALHO ARTESANAL

O papel econômico da mulher aumenta pelo fato de que, na esfera das atividades artesanais, cabe a ela também um papel proeminente. Assim é que, não só na confecção do equipamento para a subsistência e o conforto, mas também na produção artística, a mulher desempenha na cultura tribal um papel relevante. É ela quem produz todo o vasilhame de cerâmica em que se guarda e se transporta água, mantimentos, pequenos pertences e onde se torra o beiju e a farinha, bem como se cozinha os alimentos. A cerâmica utilitária destinada a servir alimentos, principalmente nos rituais, é finamente adornada por caprichos desenhos desenvolvidos na pintura corporal (28), arte também caracteristicamente feminina e um dos pontos altos da criatividade asuriní. Em cada casa encontra-se uma profusão de panelas de formas e tamanhos variados, cada qual com um nome específico, derivado da palavra com que designam o barro (*dza'e*) (29). Panelas velhas emborcadas servem de suporte para a panela em que se cozinha. Nelas colocam a brasa para se aquecerem nas noites frias.

Dentre os utensílios domésticos de maior utilidade está a cuia, igualmente decorada com os padrões aplicados à cerâmica e à pintura corporal (30) e, como aquelas, também uma arte feminina. A cuia é uma peça de que os Asuriní não se separam. Trazem-na muitas vezes na cabeça quando vão ao rio, à roça, à mata, pois com ela se banham, com ela apanham água no igarapezinho ou na cacimba para matar a sede e encher seus potes; nela levam a farinha e as castanhas quando saem numa expedição de caça, pesca ou coleta. Existem cuias de vários tamanhos, redondas e oblongas que servem de prato, colher, copo, vasilha, sempre pirogravadas com os desenhos decorativos característicos (31).

Outros campos em que a mulher exerce sua criatividade como artista e artesã é o trabalho com algodão. Esta é a única fibra têxtil utilizada pelos grupos tupi por mim estudados (Kayabí, Jurúna, Asuriní, Araweté) e pode ser tida como uma planta do domínio feminino da cultura. Mesmo quando empregado pelo homem, o fio de algodão é elaborado pela mulher.

As mulheres Asuriní de todas as idades, desde a adolescência, dedicam à fiação do algodão todas as horas livres. Durante os rituais xaminísticos

sempre se vê, na penumbra, junto a uma pequena lamparina de querosene ou em plena escuridão, uma mulher deitada na rede, fiando. É tão grande a importância da fiação do algodão que no vocabulário asuriní existem termos específicos para cada uma de suas fases. Assim temos: Algodão: *aminidzu*. Semente do algodão: *minidzura'in*. Descaroçar o algodão: *minidzu avirak*. Floco de algodão em rama espichado circularmente em forma de "almofada": *euvirá*. Bater as almofadas em torno de um pau roliço, dando leves pancadinhas neste, para espichá-las mais ainda e juntá-las numa "almofada" maior *amutumum*. Abrir as almofadas em tiras ou "tiradas": *auviviá*. Esticar essas "tiras": *auviviá*. Começar a torcer as tiras (faz um ruído, ñak, ñak, ñak): *amupa'ap*. Movimento de destorcimento do fio torcido pela primeira vez para retirar lhe os nódulos e outras imperfeições: *apamirí*. Fio quando se parte, involutariamente: *apivyn*. Fuso: *y'yma*. Tortual do fuso: *mbawre'i* (32). Fuso com linha bobinada ou o ato de fazê-lo: *iatyt*. Linha (termo genérico): *enimá*. Linha fina: *enimá'i*. Linha branca, da cor natural do algodão: *tsingamáe*. Linha de cor verde, tingida com a seiva da folha da planta *dzawandawa*: *enimá'ona*. Linha marrom, tinta com o sumo da entrecasca do mogno (*ivuhú*): *enimá pytyng*. Linha com duas dobras: *apaumyk* (dois fios torcidos juntos).

A peça mais importante da tecelagem asuriní é a rede de dormir: *tupava* — termo genérico. É o mobiliário por excelência da casa indígena. Nela se dorme, se faz o amor (entre os Jurúna, Kayabí e Asuriní a rede é ampla — 1,80 de largura por 2,80 de comprimento em média e abriga o casal às vezes com um filho pequeno). Na rede se descansa, se conversa, se trabalha e se come (33).

As mulheres Asuriní tecem dois tipos de rede: a *tupavi*, de técnica muito elementar, em que o trabalho mais demorado é empregado na fiação da linha: cerca de 2 kgs. de algodão fiado. Um fio contínuo é esticado horizontalmente entre duas estacas fincadas no chão: tear com urdume horizontal. Assim se alcança o comprimento desejado. A entramação dessa urdidura é feita pela torção de dois cordéis soltos, que correm em sentido transversal ao urdume. A distância entre uma e outra carreira varia, não sendo nunca superior a 10 cms.

Essa rede, mais leve e mais portátil, é levada nas viagens, quando uma família acampa perto da roça para fazer farinha, caçar e pescar; ou quando se translada a uma ou outra casa para conversar ou assistir um ritual. A mesma técnica, entramação torcida (*twined*), é empregada na rede mais elaborada, a *tupapetuna*, que leva 6 a 8 meses para ser tecida, porque nela se emprega uma quantidade enorme de algodão fiado, cerca de 10 kgs. A entramação é feita com carreiras montadas umas junto às outras, formando um tecido compacto, *weft faced*, ou seja, com a trama aparente. Neste caso, desenvolvem-se desenhos lineares paralelos, pela alternância de tramas de duas cores: geralmente marrom (*pytyng*) e branco. (*tsinga*).

Essas listas são ordenadas de várias formas: duas, três ou quatro próximas umas às outras, ou distanciadas entre si, duas a duas, a intervalos regulares. Esse desenho linear da rede, das faixas frontais, cintos e das tipóias, não tem, aparentemente, maior significado simbólico. A julgar pela nomenclatura que recebe na língua asuriní, não se vincula aos desenhos lineares paralelos tracejados na pintura de corpo e na tatuagem de homens e mulheres adultos. No caso da pintura corporal, o tracejamento na vertical, acompanhando a anatomia do corpo, isto é, do pescoço até os pés é chamado *kwa'hava*. O mesmo padrão, desenhado em sentido horizontal, é designado *aperinina*. Ambos comparecem na tatuagem masculina completa: um "colar" contornando o pescoço tatuado no peito e nas costas, um contorno oval preenchido, geralmente pelo padrão *kwiapei* (próprio de cuia), tatuado no ombro, seguido de traços verticais paralelos no peito, braços, pernas e mãos. Recebe, contudo, a designação *dzaiava*, que deve indicar tatuagem, qualquer que seja sua forma. No tecido, as listas de cor contrastante, independentemente de sua disposição, freqüência ou cor (marrom ou verde) são designadas *iputsinga*.

De algodão as mulheres tecem a tipóia (*tupaia*) com que carregam os filhos. Medindo cerca de 12 cms. de largura por 1,30 de comprimento é tecida em tear com urdume vertical (*ivira dzuava* — *ivira* = árvore, pau), com separadores feitos de lascas do pecíolo da folha do babaçu (*pindawipé* — *pindaw* = babaçu), às vezes em número de 15 a 20, que são colocados logo depois de catados os fios alternados da urdidura, de passada a trama enrolada na bobina (*imbayp*) e de batida esta com o próprio separador (34). Ao invés de retirá-los, as tecelãs Asuriní, assim como as Krikati, empurram esses separadores para cima. Dessa forma separam adequadamente a urdidura (*aipé*) e fazem, sucessivamente, uma série de carreiras sem voltar a catar os fios.

Com a mesma técnica — entretecido simples (*plain weave*) — em que sobressai a entramação com a urdidura aparente (*warp faced*) e desenvolvendo apenas um desenho linear, através da alternância dos fios tingidos de verde (*dzawandava*) ou de marrom (*pytyng*) fazem tecidos para serem usados como adorno pelos homens: cintos para o arranjo de decoro masculino e faixas frontais.

Outros adornos masculinos, a braçadeira (*pynymbaia*) e a bandoleira usada a tiracolo (*muyryna*) são prendas feitas pelas mulheres para seus parceiros masculinos. Neste caso, a técnica empregada é o trabalho a dedo (*fingerwork*) e com agulha de croché (35). A arte consiste em fiar um fio de espessura mínima, equivalente à linha industrial de carretel nº 10, com que produzem obras de grande beleza e extremamente delicadas. Dois ornatos femininos (*tapukurá*), também usados pelas crianças abaixo dos joelhos (jarreteiras) e nos tornozelos (tornozeleiras), são tecidos segundo a mesma técnica, sendo ambos crochitados na própria perna do portador.

O traje completo masculino para ocasiões cerimoniais inclui um aro trançado (*dzekiwitá*) com finíssima talas de samambaia (*amambaia*), negro-brilhantes e brancas de uma planta que os Asuriní chamam *akaravo*, além da tatuagem, da pintura facial e corporal.

Esses índios, a exemplo de outros grupos tupi, devem ter tido uma plumária muito elaborada. Alguns informantes ainda a recordam. Inúmeros cantos do ritual xaminístico, *mbaraká*, mencionam enfeites de cabeça de arara, garça, papagaio (36). Inúmeros outros recebem designações de pássaros.

Depois do contato, as mulheres Asuriní encantaram-se com as contas de louça dos civilizados, usando-as cotidianamente, de preferência aos colares, verdadeiras obras de joalheria, esmeradamente elaborados pelos homens com contas de coco preto (*mombaka*), rosado (*ivahy*) e fragmentos de ossinhos da tíbia do mutum. Este artesanato é masculino por excelência e de caráter cerimonial. Muito valorizados são também outros colares feitos pelos homens, usados nos rituais por ambos os sexos, de dentes caninos (*ka'iñyña*) (37), incisivos e molares de macaco (*mbuykyrirá*), bem como as pulseiras de côco de palmeira (*maritá*) com incrustação de pedacinhos de osso de mutum. A essa parafernália dedicam os homens a maior parte do seu tempo de lazer. Além disso, os homens também se ocupam de todos os trabalhos de madeira: bancos, finamente esculpido de mogno, pilões, de grande importância na tecnologia culinária e, naturalmente, arcos e flechas. A casa, jóia da arquitetura indígena, é também lavra masculina.

No campo da cestaria, homens dividem com as mulheres a feitura dos objetos necessários ao atendimento de suas necessidades de equipamento e de conforto. Todo o traçado é confeccionado com três matérias primas transformadas em palha e talas: o grelo do babaçu e a fina película de uma gramínea (taquarinha) e uma marantácea (arumã) (38). O babaçu (*pindawa*) é empregado para confeccionar os cestos-cargueiros (*manakutsinga*, *pyrywitsinga* (descartável)), esteiras de vários tamanhos com as extremidades laterais soerguidas usadas para secar ao sol a polpa da mandioca, guardar algodão e outros fins (*mbia'awa*); o cesto-paiol (*arakyryna*) onde é armazenada a farinha e o cesto estojiforme ovalado (*patuap*), de técnica dobrada, com tampa. Dentre esses itens, a esteirinha (*mbia'awa*) é feita indiferentemente por homens e mulheres, por estas, as de menor tamanho, usadas na manipulação do algodão.

Além destes, possuem os Asuriní um cesto sui-generis (*mburiru*), estojiforme com tampa, misto de trançado e tecido, sem precedentes na cestaria indígena brasileira. É feito de lâminas de taquarinha (*uruíva*) ou de arumã (*uruivu*) entramadas com fio de algodão e alça do mesmo material, para uso a tiracolo. Esse cesto é de confecção feminina, contribuindo o ho-

mem com a laminação das talas e o provimento da matéria prima. Eventualmente um homem pode confeccioná-lo também. É levado por eles nas viagens para guardados: ossos, sementes para colares que vão coletando e, nos dias de hoje, para carregar anzóis, linha, cartuchos, fósforos. O *patuap*, de confecção exclusivamente masculina, é reservado para guardados dentro de casa, por ambos os sexos.

De palha de tucum (*tukumã*) e também de babaçu é feito o abano para fogo (*tapekwap piá* e *tapekwap pirí*), de forma retangular, com ou sem ponta. De *uruíva* (taquarinha) ou *uruivu* (arumã) laminado, os homens fazem pe-neiras ovaladas (*pyrypem*), com acabamento tipo tapirapé, muito resistentes, amplamente empregadas no processamento da mandioca e do milho. Nas de uso cotidiano, desenvolvem desenhos de losangos concêntricos derivados da técnica do trançado. Pouco são os artesãos que sabem trançar as *pyrypem kwatsiara* (peneira, desenho), cuja feitura é cercada, como vimos, de restrições (v. nota nº 28). Tingindo as talas pela metade, numa e noutra face, de preto, obtido do sumo do jenipapo (*dzenipao*) misturado ao carvão, neles elaboram os caprichosos desenhos, dos quais, a meu ver, derivou ou se inspirou a padronagem mais corrente da pintura corporal asuriní.

DIVISÃO DO TRABALHO ARTESANAL POR SEXO

	fem.	masc.	fem./masc.	Total
<i>Adornos corporais</i>				
a) tecidos, fios de algodão	8 (39)	—	—	8
b) outras matérias primas	—	8	—	8
<i>Utensílios domésticos e de trabalho</i>				
a) traçados, tala e palha	—	13	1	14
b) cerâmica	19	—	—	19
c) cordoaria (algodão, tucum, embira) tecidos	5	1	—	6
d) madeira e outras matérias primas	1 (40)	13 (41)	—	14
<i>Armas</i>	—	8	—	8
<i>Navegação</i>	—	2	—	2
<i>Outros</i>	—	3	—	3
	33	48	1	82

A contribuição masculina em número de artefatos para as atividades de subsistência, o equipamento doméstico, de trabalho e de conforto, é superior à das mulheres. Considerando-se, porém, o tempo empregado nessas atividades e sua serventia, ambas quase que se equivalem. Assim é que leva aproximadamente o mesmo tempo — 6 a 8 meses — para se construir uma casa e confeccionar uma rede de tecido compacto (*tupapetuna*). No

primeiro caso, é preciso levar em conta que nessa tarefa o homem é ajudado por toda a comunidade, quando se trata da construção da grande casa comunal, *aketé*, onde se realizam os cerimoniais e são enterrados os mortos, ou por seus parentes masculinos mais próximos, quando se trata de residência de família extensa. Cabe considerar que, as artes masculinas, em especial o trabalho em madeira, foi enormemente facilitado com a adoção das ferramentas. O mesmo diz respeito às tarefas de derrubada da mata, de caça e pesca, agora feita principalmente com espingarda e anzol e do preparo do próprio instrumental de trabalho. O machado encabado de forma tradicional recebe agora lâmina de metal ao invés de silex (*paraná dzi*). O formão para lavrar o arco e as pontas de taquara das flechas, continua ostentando dente de cotia (*paratsí*), amolado em um pedaço de pau de grande dureza (*itakipé*). Continua-se usando um caramujo quebrado para alisar a madeira (*yatytá*). Nos perfuradores, porém, a ponta de dente de cotia ou de peixe cachorro, foi substituída por um prego afilado. Em ambos os casos recebem o nome de *akutsiava*). Esse instrumental primitivo — a machadinha (*dzi*), o formão (*paratsí*) e o perfurador (*akutsiava*) — adaptado ao ferro, continua sendo empregado na confecção dos adornos tradicionais dos Asuriní, os colares (*mombaka*) e as pulseiras (*maritá*), os primeiros destinados, hoje praticamente, à venda à ARTÍNDIA.

Tratando-se de uma produção artesanal altamente sofisticada e de difícil elaboração, ela teria sido enormemente prejudicada não fosse o incentivo que representou sua destinação para a venda. Excelente medida foi a sugerida pela antropóloga Regina Müller de a FUNAI adquirir coleções completas para museus, a fim de que todos os objetos que compõem o acervo de cultura material dos Asuriní continuassem sendo feitos. Essa orientação deveria ser observada com todo o rigor para não privilegiar certos artefatos e determinados artesãos que se estão especializando numa produção artesanal para o comércio. Dessa forma se manteria vivo todo o elenco de cultura material dos Asuriní, que se caracteriza por uma alta preocupação de cunho estético, e a renda resultante seria mais equitativamente distribuída por toda a população.

A participação da mulher na economia asuriní continua sobrelevante devido à sua importância no conjunto da produção artesanal destinada à venda. Através dessa nova atividade, sem precedentes em sua história, os Asuriní conseguiram adquirir, nos últimos três anos, bens industriais de que não mais podem prescindir e que deixaram de ser fornecidos gratuitamente pelo órgão oficial: ferramentas, fósforos, sal, querosene, lanternas, pilhas, espingardas, cartuchos, anzóis, sabão, vestimenta, esta última muito procurada devido à enorme quantidade de piuns (borrachudos) que infesta a área. No entanto, as miçangas continuam sendo um dos bens mais disputados, o que a meu ver deveria ser desestimulado. No elenco de artefatos para a venda, a mulher contribui com sua cerâmica decorada e esmaltada, com

alguns objetos de adorno tecidos em algodão, com as cuias pirogravadas, e com o cestinho *mburiru*. Da lavra masculina, têm maior aceitação comercial, os colares *mombaka*, os bancos e o arco e flechas.

CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES

Tribo de 54 pessoas. Poucos velhos. Poucas crianças. Casamentos instáveis. Nove xamãs. Chefia difusa. Como pode funcionar uma sociedade com tão pouca gente para operar o ritual, atualizar a mitologia, entender o mundo em torno? Há um *sprit de corps* entre os Asurini, seguramente, quando se trata de confrontar com outro grupo tupi, seu vizinho, e certamente semelhante em inúmeros detalhes, inclusive no dialeto, ao seu. Mas ao contrário do alto Xingu e do alto Rio Negro, onde coexistem tribos de origem cultural e lingüística distinta, não se constituiu na Xinguania, abaixo da grande volta, uma área cultural colaborativa.

Para entender um povo é preciso buscar causas e razões em sua história. A conquista e colonização do Brasil foi facilitada pela animosidade entre os grupos tupi da costa, que às vezes buscaram a aliança do dominador luso ou francês contra os de sua grei. O mesmo ocorreu na Xinguania, onde imperava até há 5 ou 10 anos, o conflito entre os Asurini, Araweté e Parakanã, todos tupi. A mesma hostilidade deve ter imperado entre outros grupos deslocados do médio Xingu para as suas cabeceiras, como os Juruna, e os que aí permaneceram: Xipáia, Kuruaia e outros já extintos.

O horizonte histórico e geográfico dos atuais Asurini é, pelo que pude verificar, relativamente amplo. Recordam os etnônimos das duas tribos como que tiveram contato mais recente: *Araraba* ou *Tsirotingi* (Araweté) e *Tsipeavi* (borduna pequena), os Kayapó do Bacajá. Mencionam os Asurini do Trocará como "outro Asurini" ou Asuruí, os Karajá, ou "outros Kayapó", que denominavam *U'yvoo* ("flecha grande, joga com a mão). Seria o propulsor de dardos? (42) Há designações em sua língua para inúmeros igarapés localizados entre o Bacajá (*Iwiradzi* = pau, madeira), o Ipiaçava (*Mbawre'i* = tortual do fuso), o Piranhaquara (*Ipiw'i* = pium), o Ipixuna (*Ipira'wi* = peixe trairão) e o Xingu (*Y'ywy* = água verde), também chamado *Parane'hu* (rio grande) (43). O território tribal ancestral incluía, ainda, cinco igarapés, afluentes da margem direita do Xingu, acima do Ipixuna, cujos nomes me foram ditados por Takamuin na seguinte ordem: 1º, *Takupiai'hi*, 2º *Tukunaré*, 3º *Maritaw'hô* (coco), 4º, *Tapikawari*, 5º, *Itaiape'hân*, todos eles abaixo de S. Felix do Xingu.

Embora os pais dos atuais Asurini e seus avós não tenham usado o machado de pedra (*paraná dzi*), encontrado em grande número na atual aldeia e que eles atribuem a "outros Asurini que foram para o céu", os *Anuma'i* (44), a tradição oral registra como eram usados. Colocava-se um andaime preso com cipó na parte da árvore a ser machadada e ia-se batendo deva

gar. Muitos machados eram quebrados nessa operação. Só derrubavam os paus finos. Os grossos ficavam em pé no meio da roça depois de queimada. Iniciavam a derrubada no começo do verão (junho) e terminavam o trabalho pouco antes do início do inverno (novembro). O roubo de ferramentas nos acampamentos de seringueiros, castanheiros e gateiros deve datar de muitas décadas. O corte de cabelo era feito com "peixeira". Mas ainda recordam o uso de um "capim-navalha", o *maropá*, plantado perto das casas com esse objetivo. Para arrancar cílios e sobrancelhas continuam utilizando uma pinça minúscula, vegetal, denominada *dzawararu peava*.

Volta o problema que colocamos como hipótese de trabalho. O que são os Asuriní? Um povo agricultor, artisticamente refinado, o barro e o algodão representando seu ponto alto, ao lado das representações pictóricas aplicadas ao corpo (pintura, tatuagem), à decoração da cerâmica e da cuia. Pescadores e caçadores medíocres. Desprovidos de canoas. Alguns não sabendo nadar porque viviam junto a pequenos riachos (*igarapé'i*). No entanto, seriam guerreiros. Isto comprova a tatuagem feita no homem depois da morte em combate de um inimigo. A pintura da boca (*dzuruna* — boca preta) só feita nos homens e mulheres maduros é uma exteriorização desse costume em desuso.

Quanto ao papel social da mulher, verifica-se que na sociedade Asuriní, a divisão do trabalho e o retardamento da maternidade privilegia a mulher jovem, que é estimulada a conservar o frescor da adolescência, livrando-se do encargo que representa o cuidado com imaturos e, dessa forma, melhor servir a uma camada masculina mais idosa constituída de pajés, de cujos rituais ela participa ativamente, cantando, dançando, servindo o mingau cerimonial por ela preparado.

Por outro lado, essa situação dá lugar a infidelidades, desconfianças e desavenças que podem resultar em conflito. Mas também propicia coquetérias, conquistas e aventuras que culminam, segundo informações dos funcionários do Posto, na troca de mulheres, com o consentimento mútuo dos casais.

O privilégio da mulher madura é poder unir-se a um adolescente e de exercer a maternidade, tendo simultaneamente a seu lado um homem velho que com ela divide a responsabilidade pela formação da prole. A vantagem da mulher mais velha, que já procriou, é compartilhar com a filha do mesmo homem, ficando ambos acompanhados, na velhice, por uma adolescente que, de certo modo exerce, para o homem, a função de mulher e de filha. A mulher mais idosa também pode vir a ser pajé. Toda essa estrutura social parece congruente com a elevada posição social da mulher na esfera econômica, religiosa e artística. A ênfase no cultivo, o barro, o algodão, o destaque dado às artes pictóricas, tudo apanágio feminino, podem explicar algumas características dessa sociedade de artistas.

Referindo-se aos seus inimigos Araweté, vários Asuriní assinalam sua pobreza no que concerne à cultura material. Mencionam os casebres, tão pequenos que mal cabe um homem em pé, contrastando com sua soberba *aketé*, de que tanto se orgulham. Falam da rede de dormir daqueles índios em que têm de estar encolhidos e dormir sozinhos. De suas rústicas panelas sem adorno. De sua vermelhidão proveniente do uso exagerado do urucu. E da profusão de *pinim* (filhos pequenos), tal como a classe alta se refere, pejorativamente, ao proletariado. Caçam também dos homens "Araraba" que ralam milho e mandioca, como se fossem mulheres. . . . Essas expressões etnocêntricas não exprimiriam o ideal epicureu da sociedade Asuriní que, não obstante, comparte traços assinaláveis com seus desafetos e vizinhos, os Araweté, como veremos em outro trabalho?

Todavia, justamente estas características aristocráticas (a contenção da natalidade de não deixa de sê-lo) podem representar a desapareição da orgulhosa nação asuriní, já tão minguada. Cada pessoa que dela se aproxima, se coloca essa indagação. Seria um suicídio étnico consciente? Usos e costumes que teriam sua eficiência em tempos passados, como forma de preservar o equilíbrio demogenético e a adaptação ao ecossistema amazônico, podem ser mantidos quando a redução da população chegou a extremos tais que ameaçam paralisar essa microetnia? (45)

A intervenção do agente civilizado pode fazer-se a ponto de proibir a pajelança que inibe o desenvolvimento das atividades econômicas, ou pelo menos, do aproveitamento cabal das potencialidades de produção dos atuais Asuriní? Ou sua coibição levaria a um colapso maior ainda a esse restinho de tribo? Representará essa pajelança exacerbada uma tábua de salvação destinada a resguardar sua identidade étnica, a salvaguardá-la para um futuro incerto? Ou um ato de auto-destruição, como o prenunciado pelo herói cultural dos índios Guarani, Nanderuvusu, quando anunciava que a Terra estava cansada de comer tantos cadáveres e pedia ao Criador que pusesse fim à vida e à natuzera?

É de se perguntar qual o papel da "intervenção protecionista" nessa esfera recôndita do homem que é seu pensamento mágico. Se fosse a missionária, não há dúvida que procuraria pôr cobro nisso, autocraticamente, como sempre fez. Mas nesse caso, colocando outra "religião" em seu lugar. No caso presente, como fazer, que fazer? Atenuar a performance xamanística? Perderia sua eficácia? É mais um problema sociológico que etnográfico. A prevalecer esta situação, dentro de dez anos o grupo se extingue, minado que está pela tuberculose. Ela é comparável à dos Tapirapé que em 1953 contavam com apenas 51 indivíduos e conseguiram recuperar-se.

Vale considerar ainda, que no presente momento, existem poucos motivos para tensão na comunidade asuriní. O território tribal, embora não demarcado, não está invadido, ignorando os índios naturalmente os proje-

tos de construção da Hidroelétrica do Xingu que inundará suas terras. Os conflitos com os Araweté datam de 15 anos passados. As lutas com os Kayapó são mais antigas ainda. Assim sendo, somente o sentimento de que podem acabar como etnia, muito arraigado em seus espíritos, a falta de parceiros conjugais adequados, o desejo incessante de bens civilizados e, sobretudo, o pavor das doenças transmitidas pelos brancos, é que causam tensões na tribo.

A disputa maior é a de homens jovens por mulheres jovens e vice-versa, numa população já tão pequena e que tem poucos motivos para conflitos. Os jovens não são alegres nem brincalhões. Tampouco o são as crianças, embora muito mimadas e resguardadas. As mulheres sem filhos derramam toda a sua ternura sobre bichos de estimação, principalmente macacos. As mães despejam ternura sobre filhas casadas que, de certa forma, representam sua mais-valia. Casando-se com um homem idoso, a filha comparte-o com a mãe, que assim fica protegida, mas tem de servir a ambos.

Esse esboço de interpretação da cultura e da realidade Asuriní é, como se vê, vinculado à problemática da *crise* pela qual atravessa. Em função dela, a única saída, a meu ver, é uma intervenção dirigida por parte da FUNAI no sentido de: a) evitar novos óbitos causados por enfermidades trazidas pelo branco; b) evitar os abortamentos provocados; c) aproximar os Asuriní dos Araweté e talvez também dos Parakanã, para permitir o estabelecimento de um canal de comunicação com vistas a futuras uniões férteis entre os membros das três tribos tupi remanescentes no médio Xingu.

A primeira providência já vem sendo tomada pelo órgão protetor desde 1978 quando foi instituído o projeto de recuperação Koatinemo, coordenado pela antropóloga Regina Müller. As duas outras proposições são muito mais difíceis de serem implementadas (46). Uma das formas de fazê-lo seria conscientizar a geração mais jovem de homens e mulheres de que a sobrevivência dos Asuriní como grupo étnico só será possível por um ato de vontade. Que neste momento, o maior inimigo não é o branco, que tem sido mantido a certa distância do território tribal — abstração feita ao projeto já referido da Hidroelétrica do Xingu — nem seus antigos desafetos, os Araweté e Kayapó.

Através da alfabetização desses jovens deveriam ser transmitidas noções sobre o lugar das minorias étnicas indígenas na comunidade nacional, o papel da FUNAI na sua preservação, e os esforços que os próprios índios e seus líderes têm desenvolvido para lograr esse objetivo. Parece-me não ser mera coincidência que o índio mais esclarecido entre os Asuriní sobre o problema que venho abordando, Takamuin, seja o que maior domínio possui sobre o mundo de fora.

A complexa situação dos Asuriní exige, como se vê, uma atuação do órgão protetor não apenas no plano da saúde — o mais crucial, sem dúvida

— como também na esfera da mudança sócio-cultural. Trata-se de um tecido muito delicado que, se manipulado inadequadamente, poderá piorar a situação ao invés de melhorá-la. Por tudo isso, os funcionários da FUNAI que se encontram em contato mais próximo com esses índios devem ser alertados de que, qualquer passo em falso, representará um dano irreparável à sobrevivência dos Asuriní.

APÊNDICE

A CULTURA MATERIAL DOS ÍNDIOS ASURINÍ

Adornos corporais

a) *Tecidos, fio de algodão* (trabalho feminino)

1. Faixa frontal — *akymoawa* (uso masculino) (entretecido simples)
2. Faixa frontal — *arawyva* (uso masculino) (trabalho em croché)
3. Grinalda — *tupa'y* (uso feminino) (trabalho em croché)
4. Bandoleira usada a tira-colo — *muyryna* (trabalho em croché) (uso masculino)
5. Cinto — *koawawa* (uso masculino) (entretecido simples)
6. Braçadeira — *pynymbaia* (uso masculino) (trabalho em croché)
7. Jarreteira — *tupa'y muyryna* (uso feminino, trab. em croché)
8. Tornozeleira — *tapukurá muyryna* (idem, idem).

b) *Outras matérias primas* (trabalho masculino)

9. Pulseira (coco e plaquetas de osso de mutum) — *maritá* (uso feminino)
10. Colar (contas de coco e de osso de mutum) — *mombaka* (uso feminino)
11. Colar de contas de coquinho, osso de mutum e coco rosado (*ivalhy*) — *mombaka* (uso feminino cerimonial)
12. Colar — molares e incisivos de macaco — *mbuykyrirá* (uso feminino)
13. Colar — dente canino de macaco e/ou imitação c/osso de anta — *ka'iñyña* (uso feminino)
14. Aro trançado — *dzekiwitá* (uso masculino)
15. Tembetá — *tembekwara* (de osso de onça) (uso masculino)
16. Brinco de madeira c/encastamento de dente de porco-do-mato — *nambikã* (uso masculino)

Utensílios domésticos e de trabalho

a) *Trançados, tala e palha* (trabalho masculino, exceto 23, de ambos os sexos)

17. Peneira oval — *pyrypem* (de talas de taquarinha) uso feminino)
18. Peneira oval c/desenhos marchetados de tala de taquarinha — *pyrypem kwatsiara* (idem, idem)
19. Peneira redonda de talas de camaiuva — *pyrypem* (uso feminino)

20. Cesto platiforme de diversos tamanhos de palha de babaçu — *mbia'wa* (uso feminino)
21. Abano — *tapekwaP piá* de palha de tucum (retangular) (uso ambos os sexos)
22. Abano — *tapekwaP piri* de palha de tucum (pentagonal) (idem, idem)
23. Cesto estojiforme c/tampa de talas de taquarinha, quadrangular — *mburiru* (uso masculino)
24. Cesto estojiforme c/tampa de palha de babaçu ovalado (patuá) *patuaP* (uso masculino)
25. Cesto de base quadrangular, paneiroforme — *pyreapara*, de palha de babaçu (uso ambos os sexos)
26. Cesto de base quadrangular, paneiroforme — *mbaeruri* e/ou *arakyryndi* de talas de taquarinha (uso ambos os sexos)
27. Cesto-cargueiro, tipo jamaxim, de palha de babaçu — *manakutsinga* (uso ambos os sexos)
28. Cesto-cargueiro, paneiroforme, de palha de babaçu, descartável — *pyrywitsinga* (uso ambos os sexos)
29. Cesto de armazenamento, paneiroforme, de palha de babaçu — *arakyryna* (uso ambos os sexos)
30. Esteira (cesto-platiforme) grande p/massa de mandioca de palha de babaçu — *mbia'awa*

b) *Cerâmica* (*) (trabalho feminino)

31. Pote grande — *yh'awa* (uso feminino)
32. Pote pequeno — *yh'awí* (uso feminino)
33. Tigela — *dzapepaí* (uso feminino)
34. Tigela — *dzaendiwá* (uso feminino)
35. Tigela — *dza'é* (uso feminino)
36. Tigela — *dza'ei* (uso feminino)
37. Tigela — *dzaendiwái* (uso feminino)
38. Pote p/ depósito de água — *dzapô*
39. Pote, idem, variação da forma da peça *dazpô* — *dzaporyna*
40. Pote — de confecção restrita e atualmente pouco usado) — *kawioi*
41. Pote, idem, variação do anterior — *kawio apuá*
42. Pote — *yhazorowa*
43. Pote — *indazywá*
44. Pote — *yhazowioho*
45. Panela — *dza'ekuza*
46. Panela — *pupianekanawa*
47. Tacho — *dzapehe*
48. Panela — *kumé*
49. Panela — *dzapeparakyngi*

(*) — Informação de Regina Müller. Cf. Catálogo da Exposição ASURINI, FUNAI, Brasília dia do Índio, 1981.

c) *Cordaria e tecelagem, fio de algodão, de tucum e de embira* (trabalho feminino, exceto 52, masculino)

50. Novelos de linha de algodão — *enymba* — para trabalhos de tecelagem em três cores: branco, verde musgo e marrom (uso feminino)
51. Novelos de linha de algodão extra fina — *enymba'í* — para trabalhos de crochê e envoltório de arco/flecha (uso feminino e masculino)
52. Corda para arco de tucum e p/pendurar rede, de embira — *tupaima* (uso feminino e masculino)
53. Tipóia, tecido de algodão (entretecido simples) — *tupaia* — uso feminino.
54. Rede de dormir, tecido entretorcido, carreiras espaçadas — *tupaví* — (uso ambos os sexos).
55. Rede de dormir, tecido entretorcido, carreiras contínuas — *tupapetuna* — (uso ambos os sexos)

d) *Madeira e outras matérias primas* (trabalho masculino, exceto 60, feminino)

56. Fuso c/cabo de madeira e tortual de brasilit — *y'yma* (antigamente o tortual era de pedra pouco resistente — (*mbawreí*) ou de noz de tucum *tukumã*) (uso feminino)
57. Tear com urdidura horizontal p/ confecção de rede — não tem nome em asurini — (uso feminino)
58. Tear com urdidura vertical p/ confecção de faixa frontal, cinto e tipóia — *ivira dzuava*.
59. Cuia de lagenária pirogravada — *kwia* e/ou *kwoipy*. (uso ambos os sexos)
60. Colher de madeira — *kwoipyawa* (uso feminino)
61. Banco para sentar — *tendawa* — (uso ambos os sexos)
62. Cabaça revestida de trançado de talas de taquarinha e/ou de arumã para colocar óleo de babaçu — *dzandiru* (uso ambos os sexos)
63. Formão com cabo de madeira e dente de cotia na ponta — *paratsy*. Respectivo amolador *itakipé* (uso masculino)
64. Soveia para furar osso de mutum, coco, etc. — *akutsiava* antigamente c/ ponta de dente de peixe-cachorro, hoje, de prego. (uso masculino)
65. Machadinha c/ponta de metal encabada para trabalhar osso de mutum, coco etc. (semelhante ao encabamento de machado de pedra) — *dz'i* (uso masculino)
66. Agulha de cartilagem de jacamim para costurar pena de flecha — *wiradzuffera* (uso masculino)
67. Agulha de crochê de osso de mutum — *dzoaka* (uso feminino)
68. Ralador de raiz de paxiúba (*patsi'iwa*) p/ mandioca e milho. uso feminino)
69. Pilão (*mbyrá*) e mão de pilão (uso feminino)

e) *Armas* (trabalho masculino))

70. Arco de paxiuba — *ywyripára* (uso masculino)

71. Arco de paxiuba cerimonial — *ywyripára pukurá* (uso masculino)
72. Flecha cerimonial c/ponta de osso longo lavrado de veado *uyveté* (flecha verdadeira) usada c/o arco cerimonial (uso masculino)
73. Flecha c/ponta de taboca lanceolada — *uywa tauká* (uso masculino)
74. Flecha c/ponta de madeira branca em forquilha — *uywa tapapara* (uso masculino)
75. Flecha c/ponta de madeira e encastoamento de osso longo lavrado de porco-do-mato — *uywa wivagí* (uso masculino)
76. Flecha c/ponta de madeira e encastoamento de osso longo lavrado de guariba — *uywa atsitsi* (uso masculino)
77. Flecha c/ponta de madeira aguçada — *uywa iwirawu'u* (uso masculino)
Navegação (introdução recente, trabalho masculino)
78. Canoa (uso familiar)
79. Remo (uso familiar)

Outros

80. Escarificador para tatuagem — base de madeira lavrada, ponta de dente de cotia — *dzaiava* (uso masculino)
81. Trombeta de taboca — *turé* (uso masculino)
82. Maracá — *iapó* — uso ritual pelos pajés.

NOTAS

- (1) — Cf. Relatório à FUNAI de Antônio Cotrim Soares, 1973.
- (2) — O local "cachoeira", no igarapé Ipiaçava, é o do primeiro contato amistoso dos Asuriní com representantes da sociedade nacional: os padres Anton e Karl Lukesh em maio de 1971. (Cf. Anton Lukesh, 1976).
- (3) — Houve duas passagens por esse rio no movimento migratório que levou os Asuriní ao Ipixuna e, de volta, ao Ipiaçava.
- (4) — Trata-se da índia Marakawá, cuja idade é estimada entre 20 e 25 anos.
- (5) — Estão nessa faixa etária: Moforogí (f), Morera (m), Mamarí (f), Nemó (m), I'á (f), Pemerí (f), Taiuwí (m), Pinatsiré (m), Arareá (f), Okina (f), Awakaré (m), Azuí (f), Dzakundá (f).
- (6) — Não há notícia de infanticídio entre os Asuriní.
- (7) — Pemerí, mãe de dois filhos: Murumuín (m) e Murukaí (f).
- (8) — Nos casos de mulheres casadas simultaneamente com dois homens, mais velho e mais novo, a paternidade é partilhada entre ambos. (Inf. Regina Müller).
- (9) — Os três filhos de Murabô são: Mará (f), 15 a 20 anos, Apebu (m), de 15 a 20 anos de idade e Taimwira, 2 anos e 4 meses.
- (10) — Taiuwí, Nemó, Awakaré, Morera e Pinatsiré.
- (11) — Moforugí, Mamarí, Okina, Azuí, Dzakundá, I'á.
- (12) — Tapi'ira (e seu marido Paradzoá) pais de: Patuap, Tapi'ira, Arapoá, Bepeví e uma moça que foi raptada pelos Kayapó.
- (13) — Mburí, Arapaí.
- (14) — Ver nota 16.
- (15) — É a mesma designação dada por um índio Urubu-Kaapor que esteve no P.I. Koatinemo. (Inf. Takamuín).
- (16) — Takamuín (m. 25-30 anos), pai de Apeona (f. 15-20); Tutem (m. 30-35 anos), pai de Murumuín (20-25 anos, m.) e Murukaí (f. 15-20): Murumuín,

pai de Murumunak (m. 6 anos) e Apirizu (f. 1 ano e oito meses), Takirí (20-25 anos) pai de Towá (7 anos).

(17) — Entre 19 homens adultos, 9 são pajés: Pinatsiré, Tataokaia, Tutem, Nemó, Morera, Avona, Mbaiô, Awakaré, Mboaíva.

(18) — Com a exceção de Takamuin, o mais aculturado asurini, que se insurge contra a exacerbação dessa prática.

(19) — Mará, Mbyrá, Apeona, Murukaí, Mbatuia, Kuipiona, Marakawá.

(20) — Atualmente existem 5 mulheres pajés entre os Asurini: Mamari, Moforugí, Azuí, cuja idade varia entre os 45 e 55 anos, e Bbaia e PatuaP, entre 30 e 40 anos. As primeiras têm tatuagem completa, no rosto, braços, barriga e mãos. Contudo, não participam dos rituais de pajelança curativa e de iniciação de um novo pajé, e sim do ritual *turé*. (Inf. de Takamuin).

(21) — Ver relatório médico do Dr. Frederico F. Ribeiro enviado à FUNAI. P. I. Koatinemo, 20/4/1981.

(22) — Em apenas 5 dias, um único índio, Tataokaia, conseguiu coletar nos arredores de sua roça, a 5 kms. de distância da aldeia, 30 jabutis que foram consumidos num só dia por toda a comunidade, num festim gastronômico.

(23) — Tais são: *Dzawotsi fafera* = iabuti, pata; *dzawotsi rekarakynga* = jabuti, osso da bunda; *dzawotsi dzoaka* = jabuti, desenho ou pintura.

(24) — O índio asurini Takamuin, que nos acompanhou na viagem à aldeia Araweté, no igarapé Ipixuna, objetivava, além do recebimento do pagamento da canoa que fez para o P.I.A. Ipixuna, recuperar sementes e mudas de plantas deixadas por sua tribo na aldeia velha, naquele igarapé, o que conseguiu, parcialmente.

(25) — A castanha do babaçu (*maritá*) é eventualmente comida. Seu uso mais corrente, contudo, é para produzir óleo destinado a afastar os piuns.

(26) — Não assistimos ao preparo de farinha de milho maduro. Takamuin informou-nos que é idêntico ao dos índios Araweté. (Ver relatório respectivo).

(27) — No verão de 1980, todos os homens, com exceção de três, abriram roças, um deles, Tutem, duas. Deixaram de fazê-lo, Takamuin e Mumona (por estarem, viajando) e Mboaíva, porque sua mulher, PatuaP, não quis plantar a que ele havia derrubado.

(28) — Acreditamos que esses desenhos — todos geométricos, com exceção do padrão *Kumaná* (feijão), curvilíneo, tenham sido inspirados nos desenhos desenvolvidos no trançado marchetado de um cesto, *pyrypem kwatsiara* (peneira, pintura). Adquirimos dois únicos exemplares com o padrão *taingawa* (sobrenatural antropomorfo). É trabalho masculino executado com finas lâminas de taquarinha (*Arundinaria sp.*) chamada *uruíva* pelos Asurini. Homens com filhos pequenos não podem fazer essa peneira, sob pena de a criança adoecer. Essa planta só é utilizada, ao que saiba, pelos Kayabí, Asurini e Araweté (por estes de maneira muito elementar) em seus trabalhos de cestaria.

(29) — As mulheres Asurini fazem 19 vasilhas diferentes de cerâmica que recebem nomes distintos.

(30) — Coletei 47 padrões de desenho ornamental em cadernos. Acredito que o elenco completo desenvolvido pelas artistas asurini seja maior.

(31) — A pirogravura é feita com uma lasca de madeira (*avataivepé*), cuja ponta afiada é aquecida ao vivo. Na face interna passam carvão que é esmaltado com um verniz da casca do ingá (*Ingá sp*) chamado *tsitsi'iwa*, o mesmo utilizado para lustrear o interior das panelas.

(32) — *Mbawre'i* (tortual do fuso) é o nome asurini do Ig. Ipiaçava.

(33) — Observação complementar à respeito da rede: quando a mulher está menstruada, deita-se na rede de trama aberta (*tupaví*) e desmancha algumas carreiras transversais, a fim de que o sangue escorra no chão.

(34) — É a seguinte a nomenclatura de outras partes do tear: trave vertical, suporte das urdideiras: *iviry*; urdideiras (superior e inferior): *iwiraudi*. Não obtivemos nome para trama.

(35) — Atualmente de metal, anteriormente da tíbia do mutum, chamada *dzuaka*, termo empregado para indicar, assim como *kwatsiara*, desenho, pintura, e agora também escrita.

(36) — Informação de Regina Müller.

(37) — Na falta destes, os Asuriní imitam a forma do canino esculpindo osso de anta.

(38) — *Arundinaria* sp. e *Ischnosiphon* sp., respectivamente. Na aldeia araweté, o índio asuriní Takamuin encontrou uma espécie de bambu (camaiúva pequena — *kamadzivi*) com que teceu duas peneiras redondas. Desconhecemos o emprego dessa planta por outra tribo.

(39) — Incluí os trabalhos de agulha femininos: *tupa'y* (grinalda, uso feminino), *pynymbaia* (braçadeira, uso masculino), *muyryna* (bandoleira, uso masculino), *tapukurá* (jarreteira e tornozeleira), uso feminino.

(40) — Corresponde à cuia (*kwia* ou *kwoipy* — oblonga).

(41) — Na categoria “implementos” se incluem: a machadinha encabada (*dzí*), com lâmina de metal, cujo encabamento corresponde, todavia, ao do machado de pedra; o formão com ponta de dente de cotia ou de paca (*paratsi*); o fuso (*y'yma*), o tear horizontal (*ivira dzuava*), a agulha de croché (*dzuaka*), a estaca de cavar, a raiz de paxiuba (*pats'iwa*) que é o ralador dos Asuriní, a agulha para “costurar” pena de flecha (*wiradzufera*) de cartilagem do jacamim, implementos esses de lavra masculina e prístinos, embora no caso da machadinha e do perfurador se tenha substituído a pedra e o dente pelo metal.

(42) — Informação da maior importância que não pude aprofundar é que, segundo Takamurin, “os Kayabí são também Asuriní”, cujos dialetos são mutuamente inteligíveis. As incursões dos Kayapó é que dividiram a tribo nesses dois ramos.

(43) — Para os nomes de igarapés menores dentro desta área, ver Regina Müller: Relatório à FUNAI, 1979.

(44) — Segundo nosso informante, Takamuin, os Araweté os designam *Mba'ohó*.

(45) — O único precedente histórico que me ocorre é o dos índios Kadiwéu, que também registraram uma inusitada contenção da natalidade. Neste caso, tratava-se, porém, de um povo guerreiro, de um *herrenvolk* de caçadores tornados cavaleiros, que chegaram a substituir sua população pela apreensão de cativos, de tenra idade, a fim de não privar as “donas” Kadiwéu de hábitos aristocráticos, como o cuidado de sua pessoa. O único traço em comum seria o elevado *status* da mulher, expresso graficamente pela elaborada arte de pintura de corpo e dos artefatos que ambos os grupos comungam.

(46) — Ocorre-me evocar o caso dos Yawalapití que, reduzidos a 17 indivíduos distribuídos pelas aldeias de tribos vizinhas, às quais estavam ligados por laços de casamento, foram reunidos em uma nova aldeia por Orlando Vilas Boas, que assim restaurou a tribo.

BIBLIOGRAFIA SOBRE OS ASURINI

ARNAUD, Expedito

- 1961 — “Breve informação sobre os índios Asuriní e Parakanan, rio Tocantins, Pará”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* n^o 11, julho, Belém, Pará.

- 1971 — “A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970)”. *Boletim do MPEG, Antropologia* nº 49, outubro, Belém, Pará.
- 1978 — “Notícia sobre os índios Araweté, rio Xingu, Pará”. *Boletim do MPEG* nº 71, Dezembro, Belém, Pará.
- JANGOUX, Jacques
- 1978 — “Preliminary observations on shamanism, curing rituals and propitiatory ceremonies among the Asuriní indians of the middle Xingu in Brazil”. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Inst. de Antrop. Souza Marques. Vol. III:13/76, Rio de Janeiro.
- LUKESH, Anton
- 1973 — “Kontaktaufnahme mit urwaldianern: die Asuriní im Xingu-gebiet”. *Anthropos* FE, Heft 5/6, Sankt Augustin, pp. 801/814.
- 1976 — *Bearbed indians of the tropical forest*. Graz, Akademische Druck, Verlagsanstalt. Austria.
- MÜLLER, Regina Aparecida Polo; Labonia Filho, Dr. Walter
- 1977 — Projeto de recuperação dos Asuriní do Koatinemo. Relatório à FUNAI. Brasília (datil.)
- 1979 — Relatório do projeto de recuperação dos Asuriní do Koatinemo. FUNAI. Brasília (datil.)
- MÜLLER, Regina Aparecida Polo
- 1979 — “Asuriní: intimidade com o sobrenatural”. *Atualidade Indígena* 19:10/19. Brasília (FUNAI)
- 1980 — “Os últimos tupi da Amazônia”. *Revista Geográfica Universal* 71:26/43, Outº, Rio de Janeiro.
- s/d — Reserva indígena Asuriní. Proposta de delimitação da área. Relatório à FUNAI. Brasília (datil.)
- 1981 — Catálogo da exposição Asuriní. Brasília. Dia do Índio. FUNAI
- NIMUENDAJU, Curt
- 1948 — “Tribes of the lower and middle Xingu river”. IN: *Handbook of South American Indians* Vol. III:213/244. Washigton, Smithsonian Institution.
- SOARES, Antonio Cotrim
- 1971 — “Os Asuriní do Xingu”. Relatório ao chefe da base ‘Kararaó’, cel. Pedro da Silva Rondon. 20/10/1971. P.I. Koatinemo.



Fig. 1. Mirabô pintando seu filho Murumunak, 6 anos, único menino asurini.



Fig. 2. Takirí, pai de Towá, menina de 7 anos, um dos dois homens na faixa etária entre 20/24 anos.



Fig. 3. Mbatuia, 15 anos, pintada para participar do ritual *mbaraká*. Padrão facial: *dzuru'hona* (boca preta); corporal: *tembekwara ropyta* (adorno labial = *tembekwa*, dentro do beijo). No fundo, a casa grande, *aketé*, de estilo tradicional.

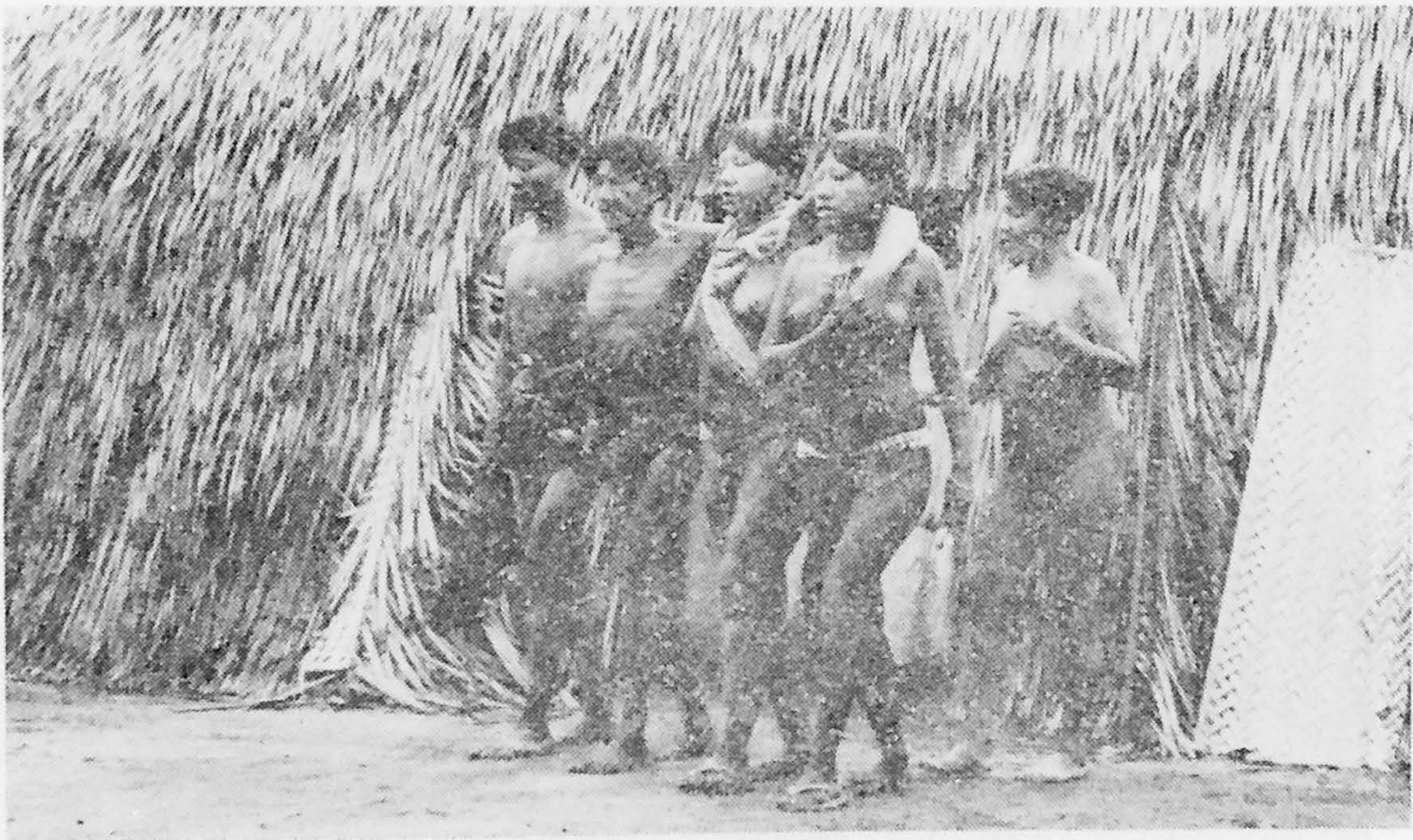


Fig. 4. Os oficiantes do ritual de pajelança *mbaraká*: da esquerda para a direita, o assistente do pajé (*wanapy*), o pajé e as cantadoras (*uiratsimbé*). Atrás, a mãe de uma delas.

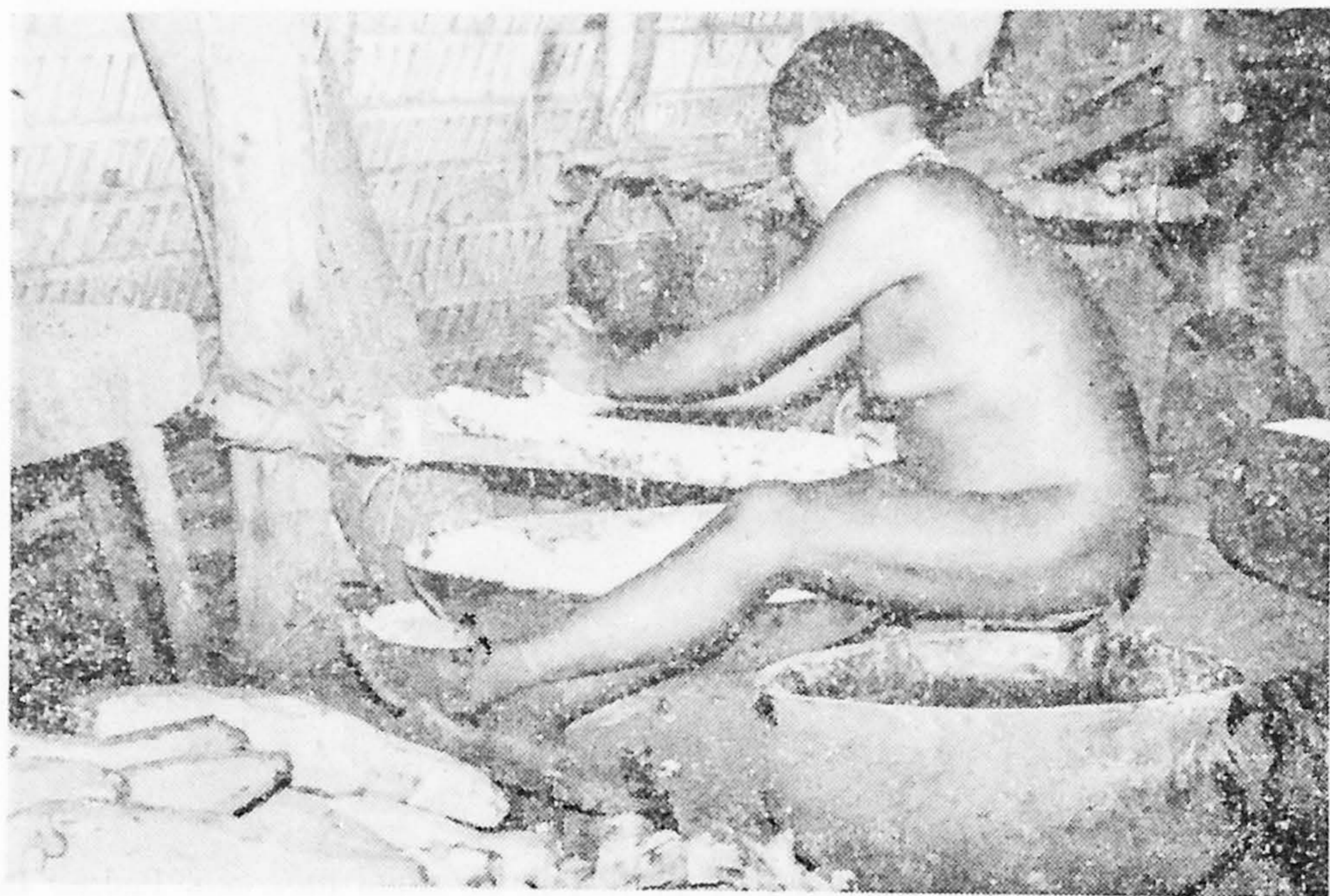


Fig. 5. Mburí, mulher de Taiuví, ralando raiz de mandioca em ralador de paxiuba. Ao lado, panela grande (*dzapepaí*) para onde é transferida a polpa antes de extraído o veneno.

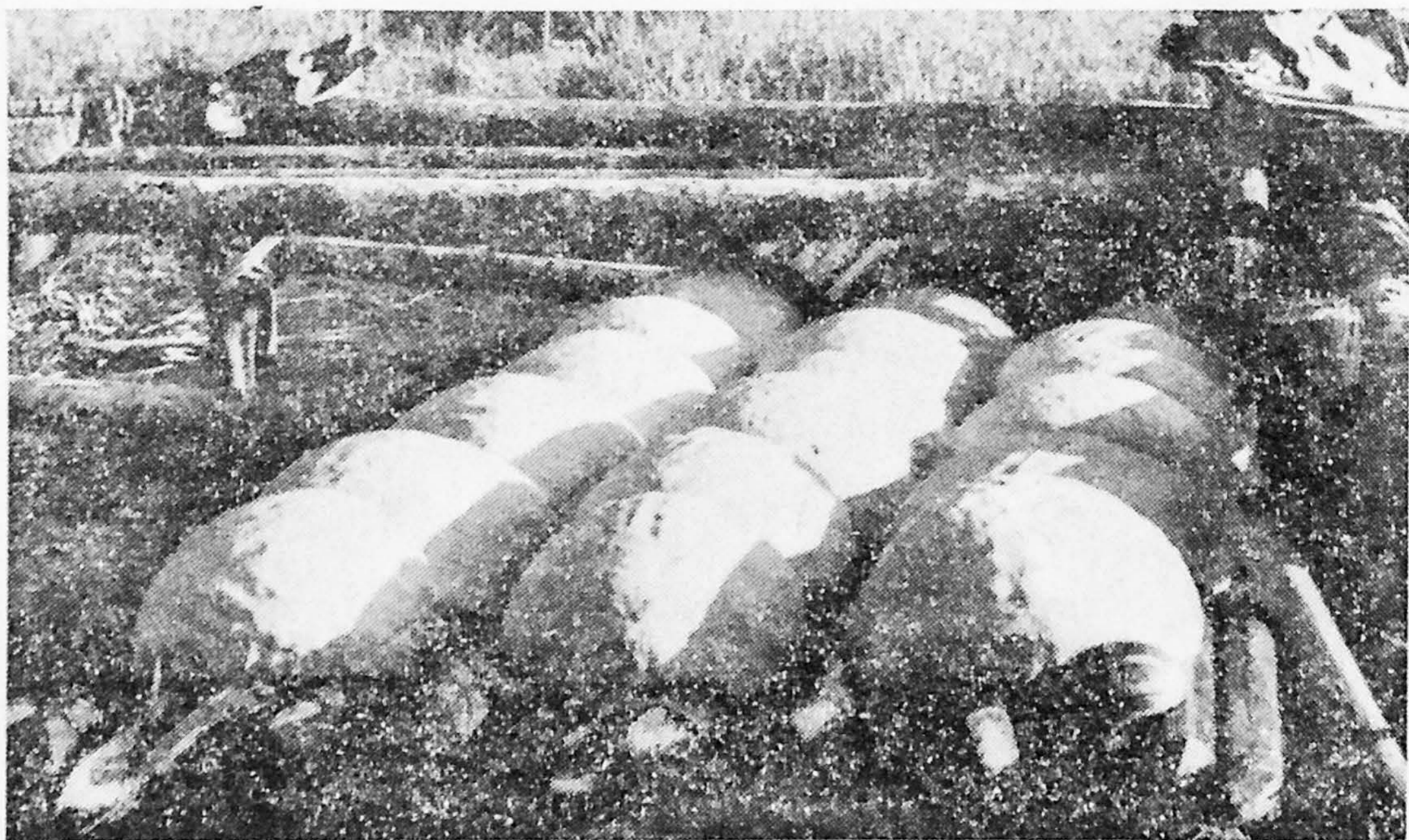


Fig. 6. Pães de mandioca preparados por Mburí, tostando ao sol.

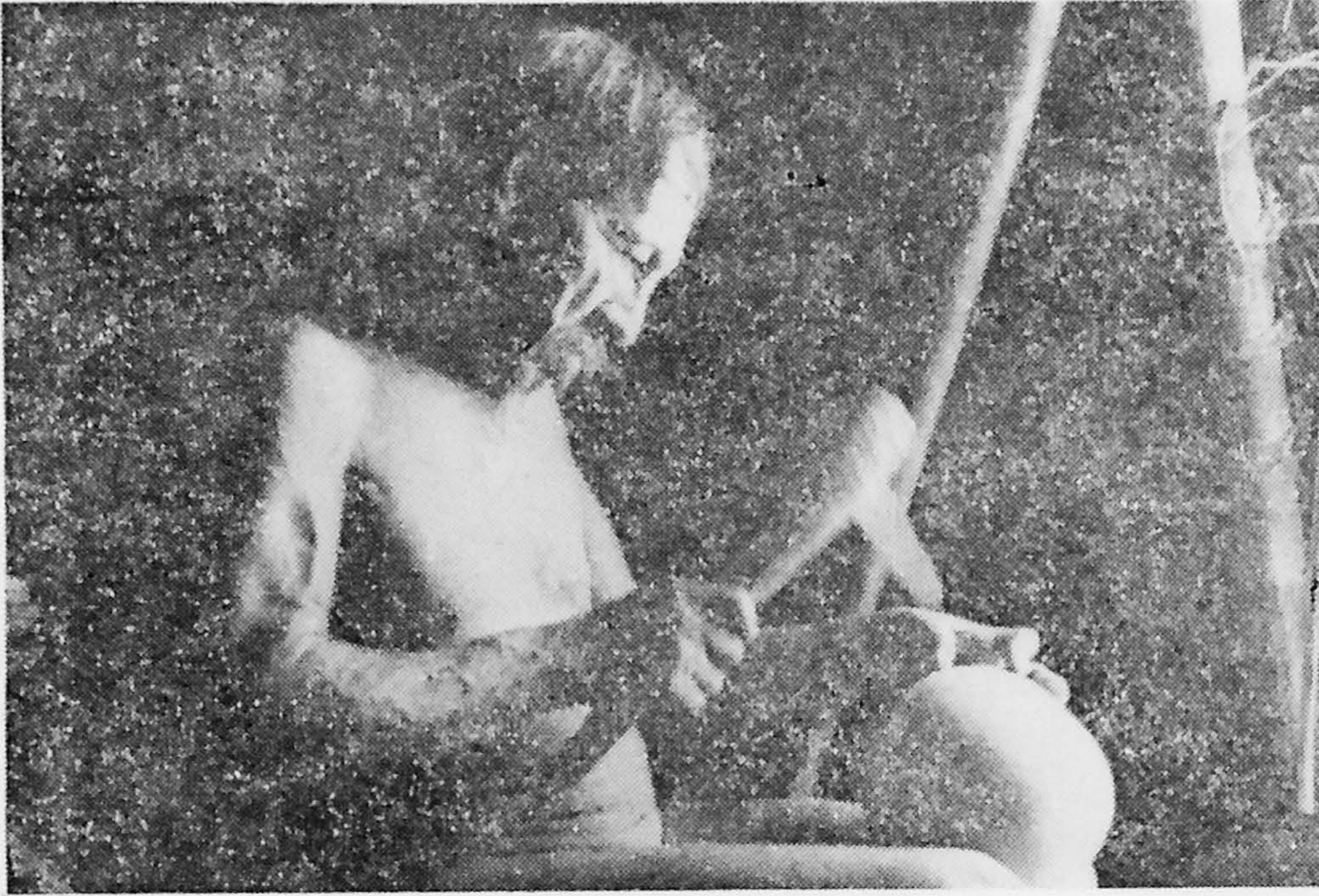


Fig. 7. Taiuví, o mais velho asurini, talhando coquinho *mombaka* para fazer colar. Note-se o feitio do machado (*dzi'i*), agora com lâmina de aço.



Fig. 8. Takamuin dando os últimos retoques no banco (*tendawa*) de mogno para venda à Artíndia, Funai.



Fig. 9. Azuí procedendo à primeira fiação da tirada de algodão.

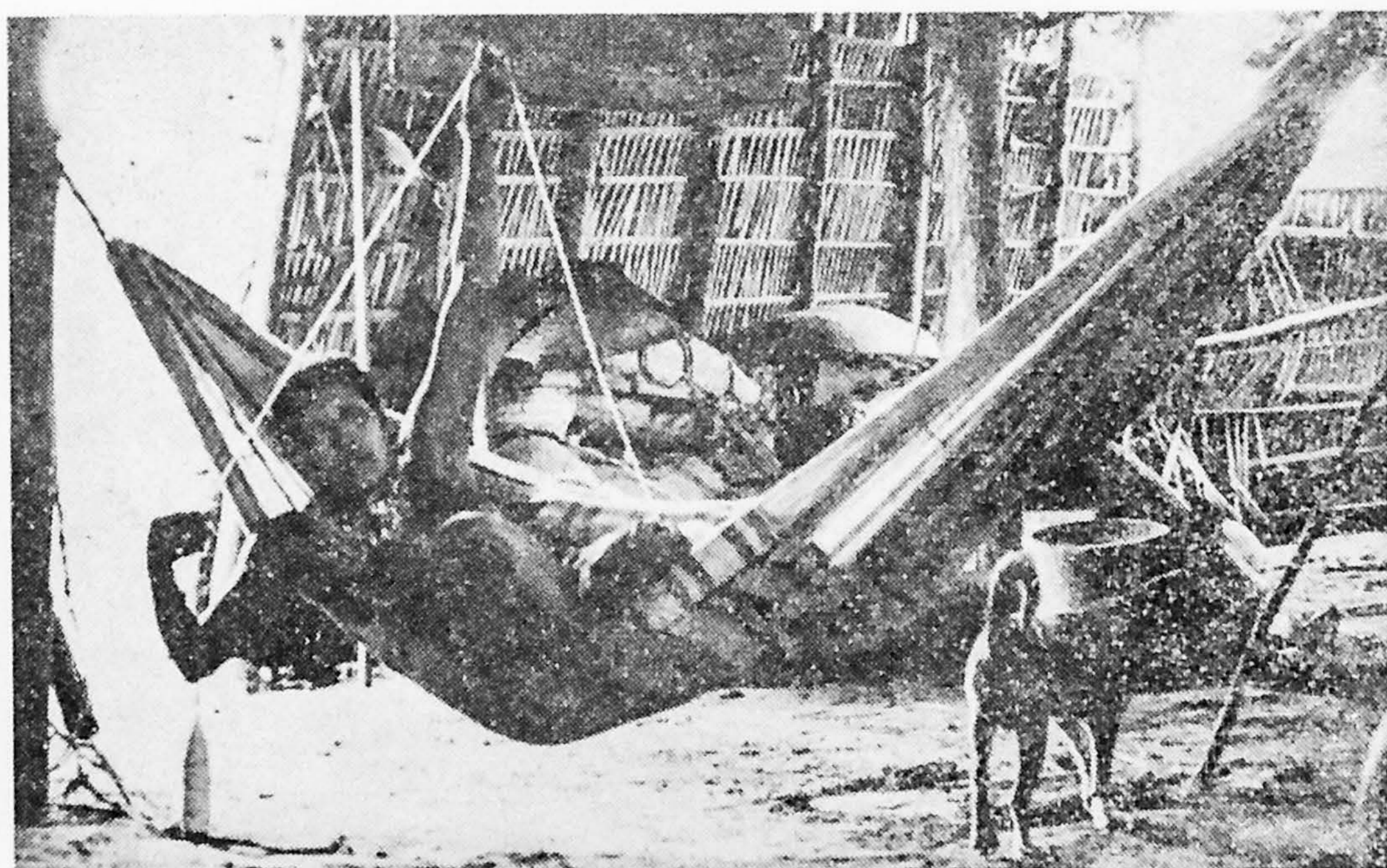


Fig. 10. Arapaí refiando a linha, após distorcê-la. Note-se a rede *tupapetuna*, inacabada mas já em uso.



Fig. 11. Arapaí iniciando a vitrificação de um pote (*dtapô*) para a comercialização.
Padrão decorativo: *taingawa* (sobrenatural antropomorfo).